

FESTEJAR COM A AÇÃO E A LUTA O 53º ANIVERSÁRIO DE PRESTES

Luz Carlos Prestes completa 53 anos a 3 de janeiro. A data do aniversário do Cavaleiro da Esperança, desde que ele foi devolvido à liberdade pela luta sem treguas de nosso povo, se tornou uma data de festa para os comunistas e as massas que o admiram.

Este ano o aniversário de Prestes transcorre em mais difícil situação para as grandes massas. No manifesto de Agosto já nos alertava Prestes: a guerra nos bate às portas. Dessa época para cá só fizeram crescer o perigo de guerra e a fome nos lares. O governo nega um simples abono de Natal aos trabalhadores e funcionários, mas envia 50 milhões de cruzeiros para os bandidos assaltantes da Coréia, que ali estão sendo esmagados. Aos funcionários que em passeata iam à Câmara pedir o abono, o governo deu bala e cadeia.

★ Séria ameaça ao nosso povo —

Sim! O povo brasileiro sabe que está seriamente ameaçado. Os americanos fazem pressão cada vez maior para arrancar o sangue e a vida de nossos filhos para a sua guerra de rapina. Querem 20 mil brasileiros para a Coréia e já ocupam nosso solo sagrado. Os créditos de guerra votados ou em marcha no Congresso, a alteração da Lei do Serviço Militar, a pregação guerreira feita oficialmente no Exército, como prova o discurso do general Cordelero de Farias, a grita histérica da imprensa venal que pede a guerra e o estado de sítio, são algumas das demonstrações do servilismo da ditadura ante o governo de Truman, ao qual tudo cede criminosamente. Uma séria ameaça pesa sobre nosso povo. A esta ameaça acha-se diretamente ligada, como medida de guerra, a ordem de prisão preventiva fascista decretada contra o grande Prestes.

★ Elevar nossas lutas

Neste aniversário de Prestes, em face da situação mundial e nacional, nosso dever de patriotas e democratas é fazer vigorosas demonstrações de solidariedade ao Cavaleiro da Esperança, redobrar nossa vigilância revolucionária permanente, elevar nossas lutas, de acordo com os exemplos e as lições que nos dá Prestes.

«Não vos deixéis esfomear e massacrar sem luta; não vos deixéis arrastar como gado de corte para a carnificina de uma nova guerra imperialista! Nas condições atuais o essencial é lutar, não capitular diante das di-
(Conclui na pag. Central)



VOZ OPERÁRIA

Edição do 53.º aniversário de Prestes

nos 4 cantos do mundo

UM ANO DE VITORIAS DAS FORÇAS DA PAZ

O jornal «Pravda» publicou na íntegra o discurso do ex-presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover no qual este aconselhou a retirada imediata das tropas norte-americanas da Coreia e advertiu de que os Estados Unidos podem enfrentar com uma «outra Coreia» na Europa.

FRANÇA
Desembarcando no Havre, vindo de Nova Iorque, o ministro do exterior do governo soviético Andrei Vichinski declarou que a paz ainda pode ser salva acrescentando: «A União Soviética deseja a paz e fará tudo o que seja possível para mantê-la». Interrogado pelos jornalistas sobre o rearmamento da Alemanha ocidental, Vichinski clarou que «é incompreensível que alguém rearme uma nação que foi sua inimiga na guerra».

EE. UU.

Numerosos jornais norte-americanos, e a maioria dos seus leitores ligados à grande burguesia, bateram palmas ao discurso de Hoover no sentido de que as tropas americanas devem ser retiradas da Coreia o quanto antes, pois do contrario a desmoralização dos Estados Unidos ainda será ropi. O «San Francisco Chronicle» aconselha o povo americano a estudar as declarações de Hoover.

COREIA

A rádio do governo popular da Coreia lançou um apelo à união de todos os patriotas coreanos contra o invasor estrangeiro. Num apelo especial às forças sul-coreanas, disse a emissora: «Deponham as armas e juntem-se a nós como irmãos. Persistamos à mesma raça. Não queremos lutar contra vós. Não nos deixeis enganar pelos norte-americanos».

CHINA

O Ministro do Exterior, Chu En-lai, repeliu a solicitação da ONU para a cessação do fogo na Coreia. Diz a nota oficial chinesa que o problema não se reduz à Coreia, pois os Estados Unidos, ao mesmo tempo que invadem a Coreia, mandam sua frota de guerra cercar a ilha chinesa de Formosa e sua aviação bombardear a China. A nota conclui que a única base para solução será a retirada das tropas estrangeiras da Coreia.

VOZ OPERARIA

Diretor Responsável:
WALDIR DUARTE
Assinaturas:
Annual Cr\$ 30,00
Semestral 15,00
N.º avulso 0,50
N.º atrasado 1,00
Av. Rio Branco, 257 — 17.º andar — salas 1711 e 1712 — Rio de Janeiro — D. Federal
BRASIL

1950 foi um ano de combates decisivos em defesa da paz mundial. Durante este ano, as forças da paz do mundo inteiro podem orgulhar-se das vitórias conquistadas, sobretudo porque estas vitórias vieram provar e quanto é possível fazer para impedir a deflagração da guerra e impôr a derrota total e definitiva aos imperialistas norte-americanos e seus lacaios.

Contra a diplomacia total e o conceito imperialista da paz pela força, triunfaram em toda a linha os esforços dos partidários da paz no sentido de arrancar a máscara ao agressor e denunciá-lo perante os povos, facilitando assim a tarefa incerta de ampliar e reforçar a frente única de defesa da paz em cada país.

No campo imperialista, a situação evoluiu no sentido dos atos diretos de agressão armada, uma vez concluída a fase dos pactos de guerra — Atlântico Norte, Rio de Janeiro — e da acumulação de armamentos, tanto nos Estados Unidos como na Europa Ocidental. Já em maio, o vice-presidente dos Estados Unidos, Alan Berkley, delineava com o maior cinismo a nova etapa da política exterior norte-americana nestas palavras textuais:

«Temos de manter forças armadas no mundo inteiro e talvez sejamos obrigados a ocupar outros países antes de terminar a guerra fria».

Um mês depois vinha a agressão à Coreia. Truman ordenava a ocupação do território chinês de Formosa, ao mesmo tempo que liquidava o mito da «independência» das Filipinas e dava o apoio americano aos colonizadores franceses no Viet-Nam. Estava aberto o fôlego imperialista contra os povos da Ásia, em cujo coração a China recém-libertada se levanta como barreira intransponível à permanência dos colonizadores estrangeiros, que sonham voltar a submetê-la e escravizá-la.

Mas os gangsters erraram nos cálculos. O campo democrático e anti-imperialista revelou uma força inusitada, capaz de deter a agressão e esmagar o agressor. Mobilizadas pelo Apelo de Estocolmo, divulgado pelo Comitê Mundial dos Partidários da Paz, em março, mais de 500 milhões de pessoas de todos os países exigiram a proibição absoluta das armas atômicas e declararam antecipadamente criminoso de guerra o governo que primeiro utilizar essas armas contra qualquer nação.

Outros acontecimentos de repercussão internacional viriam contribuir para a defesa da paz: assinatura em abril de importantes acordos e tratados entre a União Soviética e a República Popular da China, inclusive para a defesa comum das duas

grandes potências contra qualquer agressão imperialista; as novas propostas da URSS na Assembleia Geral da ONU pela redução geral dos armamentos e das forças armadas das 5 grandes nações; pela proibição das armas atômicas; pela definição da agressão e caracterização do agressor; e, finalmente, na Conferência de Praga, em outubro, a denúncia do crime contra a paz que significa a remilitarização da Alemanha ocidental, praticamente já iniciada pelos imperialistas anglo-americanos.

Entretanto, a guerra na Coreia concentraria a atenção dos povos. Enquanto por um lado ajudaria a desmascarar os objetivos de guerra mundial e expansionismo dos Estados Unidos, por outro destacaria o papel de vanguarda da gloriosa União Soviética na preservação da paz mundial. A Declaração de Gramina e telegrama de Stálin a Nehru, a atuação de Malik no Conselho de Segurança, as resoluções de Vichinski na Assembleia Geral da ONU foram grandes esforços concentrados num objetivo fundamental: solucionar pacificamente o conflito na Coreia, o que só poderá ser conseguido com a retirada das tropas estrangeiras que intervieram naquela nação, deixando a Coreia aos coreanos.

Nesta momento, está à uma distância dos novos e notáveis se batem e continuarão a bater-se as forças da paz que durante o ano de 1950 se revelaram um fator decisivo no dilema que nenhum cidadão pode desconhecer — paz ou guerra.

A política pacifista e guerreira de Truman, Acheson, Foster Dulles, Marshall, Bradley, Mac Arthur e companhia, como é demonstrado os acontecimentos na Coreia e a resistência dos povos da Europa ocidental de ambarear no campo de guerra inane, está condenada a um completo fracasso. E esse fracasso será tanto mais rápido e irremediável quanto mais decididamente lutarmos em defesa da paz, tentando de levar à prática as resoluções do II Congresso Mundial dos Partidários da Paz, realizada em novembro último em Varsóvia, e que se conta entre os principais acontecimentos políticos do ano de 1950.

Mais do que nunca, os povos têm nas suas mãos o seu próprio destino. Da firmeza, da energia, da audácia cada vez maior com que lutarem pela paz no novo ano de 1951 depende a vitória total sobre os traficantes de guerra num prazo mais curto, poupando a humanidade a maiores sofrimentos e assegurando a libertação das nações que ainda gemem sob o jugo imperialista.

OUTRO LACAIO SE QUEIXA

Primeiro foram os filipinos. Quando a situação na Coreia mostrou que não se tratava de simples passeio àquele país, o comandante da tropa colonial filipina foi obrigado a denunciar o tratamento desigual que receberam em relação aos soldados americanos. O escândalo foi abafado na origem, o comandante filipino destituído e os soldados continuaram a morrer para que os americanos sobrevivessem.

Agora são os turcos que levantam queixas as mais amargas. Um jornal oficioso da Turquia, diante do clamor nacional contra o sacrifício de milhares de vidas de soldados turcos na Coreia, viu-se forçado a lançar a culpa do desastre sobre seus amos norte-americanos.

Afirma o referido jornal: «A superioridade numérica dos chineses não é tão importante quanto se afirma». E sobre a situação difícil em que foram «A brigada turca não tinha meios de transporte à sua disposição», sendo forçada a retirar-se a pé, realizando combates de retaguarda e sofrendo perdas terríveis.

Pergunta o articulista, ingenuamente, porque os americanos não ficaram com suas forças blindadas guardando a retirada, em vez de deixarem os turcos. E em seguida tenta fazer ironia: «Eles (os americanos) fariam bem, por isso, não negligenciarem a leitura dos regulamentos turcos».

Mas a realidade é que as forças armadas turcas, sob o comando de 600 oficiais ianques, não têm mais regulamentos próprios: são treinadas em regulamento norte-americanos, esses mesmos que fracassaram tão vergonhosamente na Coreia.

As queixas, no entanto, vêm tarde. A realidade está mostrando que o imperialismo americano exige de seus lacaios sacrifícios em vida para assegurar a dominação mundial de Wall Street.

Fica porém a lição aos demais povos que ainda não foram arrastados às aventuras guerreiras do bando de Truman-Mac Arthur.

A ÚNICA SOLUÇÃO POSSIVEL

O Ministro do Exterior da República Popular da China deu a única resposta que podia ser dada à sugestão americana, enviada através da ONU, para que seja conseguida a suspensão das hostilidades na Coreia: retirada das tropas estrangeiras daquele país.

Ora, a suspensão das hostilidades significaria manterem os invasores suas atuais posições e ganharem tempo, trazerem reforços visando conti-

nuar a guerra em condições mais difíceis para os coreanos.

Esses velhos trucs do imperialismo estão muito desmoralizados para que ainda possam enganar alguém. Por que os americanos não fizeram proposta semelhante quando avançavam para o norte da Coreia, quando cruzaram o Paralelo 38 e destruíram esta linha de demarcação geográfica e política? Porque, é claro, seu objetivo era estender a guerra, e a Coreia não passava de um trampolim para novos assaltos contra os povos asiáticos.

Já houve numerosas possibilidades de resolver-se pacificamente a questão coreana, através de propostas concretas apresentadas na ONU pela União Soviética, Polónia, Tchecoslováquia, Índia e finalmente, em novembro último, pela República Popular da China. Por que os Estados Unidos re-

jeitaram essas propostas? Porque o imperialismo ianque visava esmagar a Coreia e avançar para o domínio da Ásia.

Além disso, a solicitação americana através da ONU ao governo de Pequim tenta reduzir o problema da guerra na Ásia à Coreia, quando também está em causa a ilha Formosa, território chinês invadido pelos Estados Unidos; quando está em causa a agressão americana ao território da China setentrional atacado por mais de mil aviões, ianques, nos últimos meses.

Assim, a questão se coloca hoje como se colocava no dia seguinte à ordem de Truman para invadir a Coreia: somente a retirada das tropas estrangeiras pode assegurar a paz na Ásia. Aos povos asiáticos, cabe resolver seus problemas sem interferência estranha.

EM HOMENAGEM A PRESTES MELHORAR O TRABALHO FEMININO

CARLOTA GONÇALVES

Prestes sempre dedicou uma grande atenção ao papel das mulheres nas lutas de nosso povo.

Na primeira reunião legal do Comitê Nacional, em 1945, Prestes já chamava a atenção de seu glorioso Partido — o Partido Comunista do Brasil — para a importância da mobilização das amplas massas femininas na luta por suas reivindicações específicas, contra a carestia da vida, contra a guerra e o imperialismo, pela democracia e socialismo. Em todas as demais oportunidades — conferências, plenários, comícios, sabatinas, reuniões — Prestes sempre salientou que é preciso dirigirmos-nos às mulheres, esclarecê-las, estudar os obstáculos que dificultam sua participação na vida política do país. E para isso, nos diz o camarada Prestes, basta não haver sectarismo, porque «em nossa sociedade semi-feudal a luta da mulher por sua emancipação é

força espontânea das mais poderosas que só precisa ser unificada e dirigida para transformar-se em componente decisivo na luta pela democracia e pelo progresso do Brasil».

Sim. O que dificulta bastante a formação de um amplo movimento feminino em nosso país é ainda o sectarismo e a falta de cooperação da posição da mulher na vida de hoje. Não basta, na verdade, se elaborar e pôr em prática um programa com as reivindicações econômicas, sociais e políticas das mulheres para se levantar um importante movimento feminino. O que é necessário e indispensável é liquidar a subestimação e as incompreensões existentes, entre os próprios comunistas, da importância fundamental do trabalho feminino, o qual deve merecer ajuda e cola-

boração de todos os militantes — homens e mulheres.

Em nossa sociedade, onde os preconceitos feudal-burgueses reduzem a mulher unicamente ao papel de mãe e cozinheira, mais urgente se torna a tarefa de despertar a atenção de todos os comunistas para o trabalho feminino. Não há mulher que não sinta revolta contra a sua escravidão, assim como mulher alguma é indiferente à situação de miséria, fome e guerra. Mas, para canalizar toda revolta e descontentamento das mulheres é necessário procurá-las, esclarecê-las e ajudá-las. E esse trabalho, que deve começar dentro de casa de cada operário, camponês ou patriota esclarecidos, não é uma tarefa específica das mulheres como geralmente se pensa. Cabe aos comunistas (Conclui na pág. 4)

Ferro em Brasa

O general Cordeiro de Farias, diretor da Escola Superior de Guerra, órgão de ensino militar recentemente criado em nossas forças armadas dentro dos moldes ianques, pronunciou, no encerramento dos cursos daquele estabelecimento, um discurso no qual faz aberta propaganda de guerra. O general Cordeiro de Farias é o porta-voz dos incendiários de guerra americanos nas forças armadas. No seu discurso ele traça a linha fascista americana para o grupo de oficiais fascistas de nossas forças armadas. É sabido que no Exército, na Aeronáutica e na Marinha a esmagadora maioria, fiel à tradição brasileira de não participar de guerras de conquista, repudia as venturas militares do imperialismo americano. No seu discurso, o general Cordeiro de Farias falsifica a História, a realidade brasileira e as relações entre o nosso país e outros países.

AS TESES DE UM AGENTE GUERREIRO

As teses de general Cordeiro de Farias são teses nazifanques. Elas se resumem nas seguintes afirmações: o mundo está dividido em dois hemisférios, o hemisfério comunista e o hemisfério cristão; é impossível a coexistência pacífica entre países de diferentes regimes sociais; deve o Brasil agora viver num regime de «paz armada»; deve ser feita a união sagrada para o combate ao comunismo; «não estamos jungidos» ao carro de nenhum capitalismo colonizador.

A falsidade dessas afirmações salta aos olhos de todas as pessoas honestas. Que pretende com isso o graduado agente guerreiro americano que é o general Cordeiro? Ele pretende lançar nossa juventude na voragem da guerra. Quer arrancar quanto antes o tributo de sangue que os americanos exigem das famílias brasileiras. Quer levar a orfandade aos lares. Então doura suas intenções sangrentas com palavras supostamente patrióticas. Ele e o seu grupo querem em suma a entrega do Brasil, reduzido à humilhante situação de colônia, aos gangsters de Wall Street. Para isto é que pede medidas de exceção no domínio econômico e no terreno político, isto é, a declaração de um estado de emergência semelhante ou pior do que já existe nos Estados Unidos, no qual a liberdade fique ao inteiro arbítrio da polícia, sejam suspensos os jornais populares, etc.

UMA PERGUNTA E ALGUMAS RESPOSTAS

Por que age desse modo o general Cordeiro de Farias, procurando um clima de guerra em nosso país, que se acha a mais de dois meses de viagem por mar do teatro da agressão americana na Ásia? Precisamente porque esse general fascista é um agente rasgado do capitalismo colonizador, esse mesmo a que, traindo a consciência, se apressa a declarar que não estamos jungidos. É o ladrão gritando pega o ladrão. O general Cordeiro de Farias é um dos chefes da 5.ª Coluna nazista-ianque no Brasil. Ele fala em defender a Patria, as tradições, etc., mas recebe ordens do estrangeiro. De que modo?

Não se conhece na história do Brasil exemplo mais vergonhoso de intervenção em nossos negócios internos do que o discurso de Petrópolis do embaixador americano Berle, nas vésperas do 29 de outubro. Nesse discurso, Berle aciniosamente condenava a convocação da Constituinte e acenava com o golpe. Toda a nação indignou-se com a insolência do embaixador de Truman. Pois bem. Estimulados por Berle, os generais fascistas depuseram o governo que marchava para a democracia, interditarão as sedes do Partido Comunista, suspenderam a «Tribuna Popular», etc. O chefe do Estado Maior das tropas que vibraram o golpe fascista americano de 29 de outubro foi o general Cordeiro de Farias.

A PROVA DOS FATOS

Diz o general Cordeiro que «não estamos jungidos ao carro de nenhum capitalismo colonizador», para, desse modo, esconder seu servilismo ante o império do dólar. Mas que capitalismo, senão o capitalismo colonizador ianque, nos explora, oprime e intervém em nossa vida? Que imperialismo senão o ianque é dono dos bancos e das companhias de seguro, das concessões de serviços públicos, do sistema de transportes, das usinas, fábricas, casas comerciais, fazendas de criação e frigoríficos, da exploração das riquezas naturais de nosso país? Os entreguistas e venais já não podem esconder que os monopólios anglo-americanos como a Light e a Standard não somente exercem pressão sobre nossa política interna e externa, mas a controlam e dirigem. É típico em matéria de criação de dificuldades e mesmo de sabotagem o que aconteceu até agora com Volta Redonda, a Fabrica Nacional de Motores, etc., e mais recentemente com a Companhia do Vale do Rio Doce que, praticamente nas mãos dos americanos, tinha sua produção sabotada, embora para lhes ser entregue a preço vil, a estrada de ferro deficiente, etc.

A 5.ª COLUNA NAZI-IANQUE

Os imperialistas americanos estão enquistados nos Estados Maiores das forças armadas, nos comandos de unidades, no Ministério do Trabalho, no Ministério da Educação, na Polícia, em nosso comércio com o exterior que controlam. Estendem seus tentáculos a toda a vida da nação.

(Conclui na pag. 11)



SOLIDARIEDADE MUNDIAL

A PRESTES — Um aspecto da solenidade com que o povo de Paris celebrou o aniversário de Prestes, no ano passado. No mundo inteiro, os partidários da Paz reforçam sua solidariedade ao Cavaleiro da Esperança — o campeão da luta contra a guerra e o imperialismo no continente americano.

COMENTÁRIO NACIONAL

POR UM NOVO ANO DE LUTAS E VITÓRIAS

O novo ano que surge nos traz a perspectiva de duros combates, que exigem de todos nós, comunistas e patriotas, mais ação e vigilância, energias e capacidade de sacrifício ainda maiores para tirar nosso país do caminho da guerra, do fascismo e da escravidão colonial para onde o jogam as atuais classes dominantes.

A gravidade da situação, mundial e nacionalmente, neste início de 1951 é indizível. O fantasma da guerra imperialista, que o bando totalitário de Truman desencadeou contra o heróico povo coreano e tenta extê-la contra o bravo povo chinês, ronda cada vez mais próximo os nossos lares. Os lacaios de Wall Street não descançam nos seus monstruosos planos de derramar o sangue de nossa juventude e vestir de luto milhares e milhares de filhos, mães e esposas.

O perigo é eminente. Já está a propaganda guerreira, histórica e desvergonhada exigindo através de declarações oficiais da ditadura de traição nacional (entrevista de Raul Fernandes, discurso de Cordeiro de Farias, mensagem de Canrobert pelo Natal, etc.) e de toda a imprensa «americana», o sacrifício de jovens vidas brasileiras na Coréia ou em qualquer outra parte para onde os saltadores ianques desloquem sua infame agressão.

Já está o terror fascista que se articula contra o povo (prisões e espancamentos de funcionários e operários que lutam pelo Abono, de partidários da paz que protestam contra o envio de tropas e gêneros em ajuda aos criminosos agressores do povo coreano, cerco policial das oficinas dos jornais do povo, conchavo entre os bandos das classes dominantes para decretar o «estado de emergência» ou de sítio, aprovar a lei nazifanque de «segurança do Estado» e aplicar contra os patriotas e democratas todas as leis celeradas do Estado Novo e as votadas na atual ditadura).

Já estão as revoltantes despesas de guerra, que agravam a fome do povo (o Parlamento de traição nacional, que nega o abono a milhares de servidores públicos, vota rapidamente créditos de 750 milhões de cruzeiros para o abastecimento dos mar-

cenários de Truman na Coréia e a compra de velhos cruzadores aos Estados Unidos).

E no território nacional, tropas militares já se movimentam para os portos do norte e do nordeste, de onde é mais fácil transferi-las clandestinamente para os teatros de operação do imperialismo ianque na Ásia.

Ameaça iminente de guerra, ditadura fascista e avanço brutal da colonização ianque no país — eis o ponto a que chega a política das classes dominantes, que ao mesmo tempo levam ao auge a exploração das grandes massas trabalhadoras.

Mas, conscientes da gravidade da situação que enfrentamos, nós, os comunistas, nós, os patriotas, não podemos deixar de encarar com otimismo o futuro imediato de nosso povo, o futuro imediato de nossas lutas em defesa da paz, por pão, terra e liberdade, pela Democracia Popular. Isto é o que nos mostram as lutas deste ano de 1950, nas quais nosso povo demonstrou, na prática, sua aptidão para o combate, sua poderosa vontade de paz, de conquistar uma vida nova, livre e feliz. Assim o demonstram os 4 milhões de assinaturas no Apêlo de Estocolmo, as lutas grevistas que se desencadearam e desencadeiam por cima do terror policial, as lutas camponesas que aumentaram, especialmente em São Paulo, e que, em Pernambuco, se elevaram à altura da ação armada pela posse da terra. Assim o demonstraram os resultados das eleições de outubro, nos quais rotando os candidatos da atual ditadura e as massas, apesar da ausência de liberdade com o estado de coisas reinante, derde, expressaram seu profundo descontentamento exigindo uma política de paz, independência nacional e liberdade.

Não podemos deixar de confiar nessas massas que demonstraram, assim, tão claramente, sua oposição a tudo isso que aí está infelicitando a nação. Não podemos deixar de confiar nessas massas que se movimentam para posições de luta que já fazem sentir de tal maneira o seu ódio à guerra imperialista, que a camarilha de Dutra, ante a revolta surda que se acumula

(Conclui na pag. 10)

AÇÃO em defesa da PAZ

PRESTES NOS ENSINA A MELHOR FORMA DE LUTAR PELA PAZ

«Nas condições brasileiras atuais — diz Prestes no seu trabalho «UM PLEBISCITO IMPRESSIONANTE» — está justamente na intensificação da luta revolucionária pela independência nacional e a conquista de uma democracia popular a contribuição decisiva de nosso povo na luta mundial contra a guerra imperialista e por uma paz sólida e durável»

Alí está uma síntese admirável do entrelaçamento da luta por dois grandes objetivos já hoje inseparáveis: a paz e a independência nacional.

Sobretudo a história deste meio século, com o exemplo grandioso da União Soviética, veio confirmar e salientar que a paz e a independência nacional têm os mesmos alicerces, como nasceram da mesma fonte pútrida a guerra imperialista e a agressão dos povos.

Os acontecimentos dos nossos dias mostram, com clareza meridiana, que se tentar arrastar-nos à sua guerra, o imperialismo norte-americano procura antes de tudo reduzir-nos à condição de escravos. E' o que significa a crescente submissão do governo de Dutra aos banqueiros de Wall Street. E' o que significa, em consequência do servilismo deste governo, a liquidação completa das liberdades democráticas em nosso país: a liquidação da legalidade do Partido Comunista, a cassação dos mandatos de seus parlamentares, o pistolamento de partidários da paz, o assalto à imprensa operária e popular, o lançamento de forças armadas contra operários em greve, a aprovação de uma lei de segurança contra os militares democratas, a prisão preventiva contra Luiz Carlos Prestes e seus companheiros, a tentativa em curso de aprovar a toque de caixa a odioso «Lei de Segurança», — lei de guerra e fascismo.

São medidas diretas ou indiretamente pelo imperialismo norte-americano visando preparar o nosso povo para a guerra norte-americana contra o mundo.

Não é por acaso que o governo de traição nacional de

Dutra vota 750 milhões de cruz.iro. para ajudar a agressão dos Estados Unidos à Coréia ao mesmo tempo que o Itamarati firma tratados que representam maior submissão aos banqueiros de Nova York.

No entanto, apesar de todas as medidas de terror e opressão, o imperialismo

RUI FACÓ

à guerra, derramar o sangue de cidadãos brasileiros na Coréia.

E não o fizeram porque debilmente embora, sem a necessária energia e audácia, sem grandes demonstrações de massa que se tornem indispensáveis e urgentes, tomos sabido expressar aos agressores e seus lacaios que

em nosso país, ainda sem deturpar organizada um — poderosa frente antiguerreira, saíram mais de 4 milhões de assinaturas contra a bomba atômica e considerando criminoso de guerra o governo que primeiro utilizar esta arma contra qualquer país. Porque sabemos repolir com altivez e dignidade os traficantes de guerra enviados ao Brasil pelo Departamento de Estado — Kennan e Miller.

Como resultado dessas lutas, é inegável, existe hoje no país um repúdio crescente à nossa participação na guerra contra a Coréia.

E nem é por outro motivo que neste momento a ditadura de Dutra se lança mais uma vez contra os órgãos de imprensa popular, no Rio e em São Paulo, tentando impedir que a palavra calorosa e esclarecedora de Luiz Carlos Prestes chegue às grandes massas e continue a levantá-las para a luta pela paz e a independência nacional.

A imprensa vendida ao imperialismo e encarregada de fazer propaganda de guerra em nosso país está sendo fragorosamente derrotada. E' uma confissão de derrota o editorial do pasquim «Correio da Manhã» de 9 deste mês, afulando os cães policiais contra os jornais de imprensa popular. Na semana seguinte, as oficinas da «Tribuna Popular» eram cercadas pela polícia de Dutra, cujo governo em crepúsculo termina como começou: lançando-se de unhas e dentes contra os jornais do povo, passando recibo de sua importância diante da resistência invencível dos órgãos do proletariado.

Mas os frutos da nossa luta pela paz, sabidamente dirigida por Prestes, começam a ser colhidos. A ditadura e sua imprensa não conseguem convencer ao nosso povo edue a guerra na Coréia é uma guerra justa e dela devemos participar. Vemos que somente os infelizes portorriquenhos, filipinos, austríacos, canadenses, alguns malaios, turcos e gregos, além dos soldados dos países que ainda dispõem de colônia na Ásia, tem sido possível recrutar para morrer na Coréia. Já não é fácil aos ingleses convocar indianos ou os franceses arrebatar indochineses para a aventura coreana. Por que? Porque os povos da Indochina, particularmente o Viet-Nam, lutam de armas na mão pela independência nacional, e a Índia está em vias de tornar-se efetivamente, seguindo o exemplo do grandioso da China de Mao Tsé-Tung e Chu Teh.

Diante de tais exemplos, comprova-se na prática a justiça das palavras de Prestes sobre a necessidade de intensificarmos a luta revolucionária pela independência nacional e a conquista da democracia popular, como a contribuição decisiva de nosso povo para assegurar uma paz sólida e duradoura.



O ANGO DA JUVENTUDE — Prestes entre jovens, durante a legalidade do P.C.B. os jovens do Brasil tem em Prestes o seu guia e amigo: o defensor de suas vidas ameaçadas pela guerra imperialista e de seu futuro, que só será livre e feliz sob um governo de «DEMOCRACIA POPULAR»

ianque e seus lacaios não conseguiram seu principal objetivo imediato: levar-nos não nos submeteremos como carneiros a seus planos de guerra e agressão. Porque de

EM HOMENAGEM A PRESTES MELHORAR O TRABALHO FEMININO

(Conclusão da 2.ª pág.)

tas, principalmente os militantes comunistas, uma parcela na responsabilidade de despertar a mulher para a vida política e para a luta, explicando pacientemente, dentro de seu próprio lar, as causas principais do sofrimento e da opressão em que vivem as mulheres, em nosso país. Isso, que a alguns parece ridículo, trará, no entanto grandes benefícios à luta dos próprios homens.

Em sua entrevista com Clara Zetkin, diz Lenin: «Muito poucos homens — mesmo entre o proletariado — compreendem quanto esforço e aborrecimento poderiam evitar às mulheres se lhes dessem uma ajuda no seu trabalho. Mas não, isso parece contrário ao direito e a dignidade do homem». Eles querem paz e conforto. A vida doméstica de mulher é um sacrifício diário por causa de um milhão de trivialidades sem importância...»

Assim, dando uma efetiva e real ajuda as mulheres, a começar quando possível no próprio serviço doméstico, e, fundamentalmente, no que concerne ao esclarecimento e mobilização para as lutas e as organizações femininas, os comunistas estarão facilitando o progresso do movimento feminino e, deste modo, de libertação nacional e social do povo brasileiro porque, como diz ainda Lenin: «O sucesso da revolução depende da procriação de mulheres que dela participem».

Mas, na tarefa de atrairmos cada dia um maior número de mulheres às fileiras dos que lutam pela paz e a libertação nacional cabe, principalmente às mulheres comunistas, a maior soma de responsabilidades. Em ligação diária com as grandes massas femininas, as mulheres comunistas devem ser as mais chegadas, as mais abnegadas, as mais audaciosas e cheias de iniciativas ao abordar desde as reivindicações mínimas e mais específicas da mulher até a solução dos problemas fundamentais de nosso povo, através da saída revolucionária e do governo democrático popular.

E' deste modo, e somente deste modo, que poderemos contribuir decisivamente para avançar o movimento revolucionário em nosso país e, ao mesmo tempo, para criar, com o apoio de milhões de mães, esposas e filhas um poderoso movimento de solidariedade a Prestes, capaz de defender a vida e a liberdade do Cavaleiro da Esperança.

REPULSA À GUERRA na Alemanha

Um inquerito realizado na Alemanha ocidental (ocupada pelos americanos ingleses e franceses) revela que mais de 81 por cento dos alemães se recusam a pegar em armas novamente, declarando-se absolutamente contrários a qualquer rearmamento da Alemanha.

DO II CONGRESSO DE PAZ

Contra a Propaganda de Guerra

É O SEGUINTE O TEXTO DA RESOLUÇÃO ADOTADA PELO SEGUNDO CONGRESSO MUNDIAL DOS PARTIDARIOS DA PAZ CONTRA A PROPAGANDA DE GUERRA:

«O II Congresso Mundial dos Partidários da Paz, considerando: que a propaganda visando uma nova guerra cria a mais grave ameaça à colaboração pacífica entre os povos;

— que esta propaganda constitui um dos crimes mais graves contra a humanidade;

— dirige-se aos parlamentos de todos os países pedindo-lhes a aprovação de uma lei de proteção à paz, a qual estabeleça a responsabilidade criminal pela propaganda de uma nova guerra, sob qualquer forma que ela seja feita.

O Congresso se dirige aos parlamentos de todos os países e lhes pede assegurar, no interesse do reforçamento da paz, a educação das jovens gerações no espírito

de colaboração com os outros povos e de respeito pelas outras raças e nações.

O Congresso pede a todos os partidários da paz, a todos os homens e mulheres honestos de todos os países do mundo, que boicotem resolutamente as casas editoras e de produção cinematográfica, os órgãos de imprensa, as estações de rádio, os indivíduos ou as organizações que divulguem direta ou indiretamente a propaganda de guerra; pede-lhes, também, que protestem energeticamente contra todas as formas de arte e literatura que apoiem uma tal propaganda.

O Congresso se dirige a todos os trabalhadores da imprensa, da literatura, das artes, do cinema, da educação e do ensino para que se recusem a servir de instrumentos à propaganda de guerra, propaganda de morte e de ódio entre as nações, e os convida a participar ativamente da difusão das idéias de paz e compreensão entre os povos.

OUVÍ O CHAMADO DE PRESTES

LUTAI POR PAZ, PÃO, TERRA E LIBERDADE

Em momento de tamanha gravidade para a vida e o futuro de nosso povo, como e que atravessamos, a voz de Prestes — o CAVALEIRO DA ESPERANÇA — se ergue por todo o país e falando em nome de seu Partido, o Partido Comunista do Brasil, chama a todo o povo, aos patriotas e às grandes massas, para a luta contra a guerra e a escravidão imperialista, contra o fascismo e a miséria, pela DEMOCRACIA POPULAR.

Ouvi as palavras de Prestes. Elas apontam o único caminho para a conquista da Paz e da libertação nacional, da liberdade e da felicidade de nosso povo. Fora deste caminho, só existe o caminho da guerra e da ditadura fascista, da completa escravização de nosso povo pelos imperialistas ianques e do agravamento crescente da fome e da miséria das massas.

É A GUERRA QUE NOS BATE ÀS PORTAS

«Atravessamos um dos momentos mais graves da vida de nosso povo. Já não se trata somente da miséria crescente e da fome crônica em que se debate a maioria esmagadora da nação, já não se trata apenas da brutalidade da exploração a que se acham submetidos os que trabalham e produzem em nossa terra, é o sangue do povo, sem dis-

tinções de sexo ou de idade, de homens, mulheres e crianças, que corre nas ruas de nossas cidades e nos cárceres da reação, e denuncia as intenções sinistras do bando de assassinos, negociastas e traidores que hoje governa o país.

É a guerra que nos bate às portas e ameaça a vida de nossos filhos e o futuro da nação.»

UM DILEMA SE ABRE Diante de nosso povo

«Sob o jugo imperialista, como nos encontramos, nem eleições nem golpes de Estado «salvadores» poderão modificar a situação».

«É evidente, pois, que qualquer que seja a saída que possam tentar, neste momento, as classes dominantes se encaminham para a liquidação dos últimos vestígios de liberdade, para a mais sangrenta repressão contra o povo, para a ditadura fascista. É o caminho da entrega completa do país aos monopólios anglo-americanos e da preparação celerada para a guerra».

«Nosso povo enfrenta, assim um dilema que se torna cada vez mais agudo e evidente. A paz ou a guerra, a independência ou a colonização total, a liberdade ou o terror fascista, o progresso ou a miséria e a fome para as grandes massas trabalhadoras. Ou o povo toma os destinos da nação em suas próprias mãos para resolver de maneira prática e decisiva seus problemas fundamentais, ou submete-se à reação fascista, à crescente dominação do imperialismo ianque, à ignomínia da pior escravidão, que o levará à mais infame de todas as guerras».

O Caminho da Revolução

«É justamente por isso que, hoje, mais uma vez nos dirigimos a todos vós, democratas e patriotas e, diante dos perigos que ameaçam os destinos da nação, apresentamos a única solução viável e progressista dos problemas brasileiros — a solução revolucionária — que pode e há de ser realizada pela ação unida do próprio povo com a classe operária à frente.

«Este é o caminho da independência e do progresso, da democracia e da paz. Precisamos libertar o país do jugo imperialista e pôr abaixo a ditadura de latifundiários e grandes capitalistas, substituir o governo de traição, da guerra e do terror contra o povo pelo governo efetivamente democrático e popular.»

A Frente Democrática de Libertação Nacional

«O caminho não será fácil, exigirá duros combates. É necessário lutar com energia e audácia e não perder tempo, não permitir que a reação prossiga sem maior resistência de nossa parte, não permitir que continue a venda do país ao imperialismo, nem que a ditadura dê novos passos no caminho da preparação para a guerra e da implantação

«OS ACONTECIMENTOS SE PRECIPITAM E É EVIDENTE QUE SE APROXIMAM DIAS DECISIVOS QUE EXIGEM DE TODOS NÓS MAIS AÇÃO E VIGILÂNCIA. A INDIFFERENÇA E O SILÊNCIO, O CONFORMISMO E A PASSIVIDADE JÁ CONSTITUEM NO MOMENTO QUE ATRAVESSAMOS UM CRIME DE LESA PÁTRIA, DIANTE DAS AMEAÇAS QUE PESAM SOBRE OS DESTINOS DA NAÇÃO.»

do terror fascista no país.

Para realizar esta tarefa histórica, sabemos organizar e unir nossas forças em ampla FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL, organização de luta e de ação em defesa do povo, com raízes nas fábricas e nas fazendas, nas escolas e repartições públicas, nos quartéis e nos navios, em todos os locais de trabalho, enfim, nos bairros das grandes cidades e nas aldeias e povoados.

É indispensável e urgente unir e organizar as forças do povo em amplos comitês da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL».



O Programa da F.D.L.N.

«Unamo-nos todos, democratas e patriotas, acima de quaisquer diferenças de crenças religiosas, de pontos de vista, políticos e filosóficos, homens e mulheres, jovens e velhos, operários, camponeses, intelectuais pobres, pequenos comerciantes e industriais, soldados e marinheiros, oficiais das forças armadas, em ampla FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL com o seguinte

PROGRAMA

- 1 — Por um governo democrático popular
- 2 — Pela paz e contra a guerra imperialista
- 3 — Pela imediata libertação do Brasil do jugo imperialista
- 4 — Pela entrega da terra a quem a trabalha
- 5 — Pelo desenvolvimento independente da economia nacional
- 6 — Pelas liberdades democráticas para o povo
- 7 — Pelo imediato melhoramento das condições de vida das massas trabalhadoras
- 8 — Instrução e cultura para o povo
- 9 — Por um Exército Popular de Libertação Nacional».

A MISSÃO DA CLASSE OPERÁRIA

Nesse grande esforço de lutar cabe ao proletariado um papel dirigente e fundamental.

Rio, 3/1/1951 — VOZ OPERÁRIA — Pag. 5

Mas a classe operária precisa simultaneamente organizar-se e unificar suas próprias forças para que possa constituir a grande força motriz capaz de mobilizar e dirigir as demais camadas populares na grande luta pela libertação nacional do jugo imperialista e pela conquista da democracia popular.

É através da luta diária, da ação e do trabalho pertinaz, que conseguiremos organizar o povo para essa grande batalha. É nessa luta diária, pelas reivindicações mais imediatas e sensíveis, sempre em íntima ligação com a luta pela paz e pela independência nacional, que se reforçará e ampliará no país inteiro a FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL».

Avancemos no caminho das lutas revolucionárias de massas

«É fundamental através da luta pelas diversas reivindicações nele contidas que o Programa se tornará conhecido do povo, ganhará as massas e transformar-se-á na grande bandeira e na força poderosa capaz de libertar o país do jugo imperialista. Nesse processo, organizando para lutar e aproveitando a luta para organizar, unificar-se-ão as forças populares e rapidamente crescerá e estruturar-se-á a partir das organizações de base o grande e poderosa FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL».

«Avancemos com coragem e audácia no caminho das lutas revolucionárias de massas, neste o caminho que exige os sucessos e vitórias nacionais imediatas que se agrava a situação do país e aumenta o perigo de guerra no mundo inteiro aumentam a radicalização e a combatividade das massas trabalhadoras. A frente delas não devemos recear as formas de luta mais altas e vigorosas, inclusive os choques violentos com as forças da reação e os combates parciais que nos levarão à luta vitoriosa pelo Poder e à libertação nacional do jugo imperialista».

TRÊS DE JANEIRO

DALCIDIO JURANDIR

Na velha casa do Rio Grande, o corredor estava claro. Na parede, velhas fotografias da família e na mesa onde havia um velho rádio rouquenho, o busto de Prestes, um bronze trabalhado por um escultor da terra. Alguém perguntou:

Que mais faremos para o aniversário?

A data se aproximava. Alguém sugeriu uma grande festa nos cômodos de areia na Cidade Nova, onde houvesse muito menu e muita dança. Um jovem de Pelotas caminhou trinta léguas na campanha em busca de um presente para Stálin. Quería agora dar outro a Prestes e recordava o encontro em Pelotas com o grande capitão. Foi numa noite em que se inaugurava o retrato de Olga.

A estas horas, Recchia, o herói do Rio Grande, pensa reunir em torno de sua cama de enfermo a melhor gente da cidade para festejar o aniversário de Prestes. São os estivadores e portuários, os trabalhadores de frigoríficos, os tecelões, os ferroviários, as moças da fábrica de conserva de peixe e os velhos operários da fábrica de charutos. São as moças que levavam o apêlo de Estocolmo até a campanha. São os meninos, sobretudo os Luis Carlos, que são muitos e orgulhosos do nome. Seria Aquilino Luiz Carlos que sobe na

torre da igreja e aquele Luis Carlos da Suíça, que rola pelos cômodos da areia e grita aos companheirinhos na rua:

— Eu sou um comunista. São os mões de doze filhos, que falam do Partido como a sua fortuna, o seu tesouro mortal. São os camaradas que trazem presentes, instrumentos de música, alegria, para festejar com Recchia a grande data nacional, a data de Prestes.

Vi os jovens de Porto Alegre contando as suas lutas contra a polícia e a evocação de Mario Couto se ergue como uma arma terrível contra os espancadores de mulheres. Aquela juventude, aquele heroísmo, aquela confiança se iluminam sempre no exemplo de Prestes.

Um jovem me disse: — Me espancaram muito e eu pensava: mais sofreu o camarada Prestes e ele soube vencer o sofrimento, soube vencer os cartuchos.

E voltou com as feridas porém mais firme de convicção para continuar a luta.

Essa convicção eu vi nos olhos do jovem que caminha léguas na campanha colhendo assinaturas do Apêlo. Recordo-me da espécie de sabatina a que foi submetida numa reunião de professoras e normalistas. Ela se lembrava das sabatinas de Prestes e, quando se via ataca-

da pelas perguntas e argumentos capciosos dos adversários, sentia que estava ali defendendo o Partido, as ideias de Prestes e que este sempre dá o exemplo de segurança ao diante do inimigo.

Velhos e jovens sabem o que significa a grande data. Vocês, mineiros de São Jerônimo, vocês, salicários de Maciá, homens da fronteira no sul e do norte, operários de São Paulo e trabalhadores das granjas, heróis de Porecatá e heroínas de Cruzzeiro, estivadores e portuários de Santos e do Rio, marítimos, massa camponesa: a 3 de janeiro há uma festa, acendem-se luzes, abrem-se janelas, há música e o nome de Prestes sai do coração com a força da nossa maior esperança e com o poder de certo e breve triunfo.

Não parádes, o seu retrato nos diz que a revolução ainda a grandes passos, com botas de sete léguas. Então nós repetimos as suas palavras de Agosto, quando soltou o canhão revolucionário do Manifesto: Ah, esse canto está semicando o vendaval que há de varrer a miséria e os Durões. E do chão humo e ardente brotarão as sementes novas que são o bem, a paz, a fé, a fé no povo.

Repetimos as palavras de Prestes quando a sua voz se esquece contra o envio de nos-

aos jovens a Coréia. As mãos olham para o seu retrato e querem louga vida para quem quer paz nos lares, trabalho e cultura para os jovens, escolas e jardins para as crianças.

Por tudo, isto, camarada Prestes, pela paz, pela revolução, estamos contentes e felizes, ao te exaltar porque exaltamos em ti o nosso escudo mais precioso, a humanidade brasileira, o sonho do proletariado, a próxima realidade de um Poder que será unicamente do povo.

Em torno de três de janeiro as vozes se unem e fazem tremer a velha bastilha feudal-burguesa. Os homens de consciência limpa lançam flores sobre os bustos, retratos e livros de Prestes. Folheto, página de jornal, artigo de revista que se acumulam nas mesas e mesas com palavras de Prestes.

Essas flores fazem tremor os canhões e os tanks da revolução. Um brinde pelo aniversário de Prestes causa terror aos desesperados lacaios de Truman.

E isto mesmo. Mas basta causar-lhes desespero e terror. Com Prestes, à frente, é necessário bô-los fora.

Grande camarada Prestes, estamos caminhando e sabemos que a melhor maneira de festejar a data é seguir melhor o teu caminho, lutar pela paz e pela revolução.

O 30.º ANIVERSÁRIO do Partido Comunista Francês

A data de 29 de dezembro assinala a passagem do 30.º aniversário do Partido Comunista Francês. Foi nesta data que, em 1920, o Congresso do Partido Socialista, reunido em Tours, por uma diferença de mais de 1 500 sufrágios de delegados operários, votou a adesão à Internacional Comunista fundada pelo grande Lenin. A minoria chefiada por Leon Blum consuma a cisão; depois de ser vítima de uma esmagadora moção pela unidade da classe operária, e se constituiu no Partido Socialista, enquanto a maioria formava o Partido Comunista. Com a fundação do Partido Comunista Francês, fato de significação histórica para o movimento operário francês e do leninismo, nas fileiras do P.C.F., como um cadinho, tam fundir-se num todo os elementos de origem diversas que se agrupavam sob a bandeira de Lenin.

Duros combates travou o P.C.F., desde o início de sua vida como partido independente de classe do proletariado francês. Pela frente única do proletariado, contra a guerra colonial do Marrocos, pelo enraizamento do Partido nas fábricas e empresas, contra a sabotagem em suas fileiras do grupo policial Barbé Ceior e contra a traição do bandido Doriot. Com Maurice Thorez no Comitê Central desde 1924, eleito na hora mesma em que o proletariado francês chorava a morte do seu grande mestre Lenin, e como Secretário Geral desde 1930, o Partido Comunista Francês inspirando-se nos exemplos e nos ensinamentos do glorioso Partido Comunista Bolchevique da URSS, cresceu e se consolidou na luta um novo Partido, um Partido combativo e revolucionário que, a serviço do povo, consciente do que significa ser herdeiro das gloriosas tradições da Comuna de Paris, conduz e dirige a classe operária francesa, sob a bandeira de Lenin e Stálin, pelo caminho da luta revolucionária pelo socialismo.

Tendo hoje mais do que nunca pesadas responsabilidades sobre os ombros, quando as provocações dos incendiários de guerra se multiplicam, o Partido Comunista Francês trava com energia e vigor redobradas a grande luta generosa em defesa da paz. 13 milhões de assinaturas no Apêlo de Estocolmo e o entusiástico apoio de todo o povo francês ao II Congresso Mundial dos Partidários da Paz, realizado em Varsóvia, falam pelos esforços que não param, antes crescem mais, dos co-

munistas franceses para preservar a paz.

Sob a esclarecida direção de Thorez e Duclos, o P.C.F. pode olhar o futuro cheio de confiança, porque sua luta se inspira na grande causa que para sempre está vitoriosa na URSS, a causa imortal do socialismo e da felicidade humana. 30 anos de vida do Partido Comunista Francês são 30 anos de lutas a serviço da classe operária e do povo. Nenhum partido como o Partido de Maurice Thorez pode se apresentar com essa folha de serviços ao povo francês. Enquanto os socialistas de direita mais uma vez fazem o papel de agentes da guerra e do imperialismo, o Partido Comunista Francês dá o exemplo das ações concretas na luta contra a guerra, ocupa a primeira fila dos combatentes da paz. E o Partido

(Conclusão da pag. 12)



dos Faciados, organizador e dirigente da Resistência que, fiel aos seus serviços, hoje tem nas prisões militantes que se recusam a pegar armas contra o heróico povo do Viet-Nam. Desempenha assim mais uma vez seu papel histórico. Os 30 anos de lutas em defesa dos interesses e pela realização das aspirações das grandes massas de toda a França.

Greve para conquistar o Abono

atingir, as massas já revelam seu espírito combativo e sua vontade inquebrantável. E esta combatividade que estão revelando os tranviários de Porto Alegre, que resistem ao terror desencadeado pela polícia de Jobin e deixam inteiramente paralizado o serviço de bondes, exigindo o pagamento do Abono. É este o espírito dos operários municipais de São Paulo que passaram em fuga os tiros de Ademar, quando foram atacados durante uma passeata. O espírito dos trabalhadores em ônibus, de Belo Horizonte, dos têxteis de Fortaleza, dos operários da Malharia Artica e da Citetex, em São Paulo, dos padeiros de Maceió, que recorreram à greve para conquistar o abono. PAZ E PAO

Mas, a concessão do abono e a conquista de melhores condições de vida para a classe operária e o funcionalismo exige que se lute, igualmente, contra a política de guerra e traição nacional da ditadura de Dutra, contra esta política infame que tira o pão da boca do povo para entregar 50 milhões de gêneros alimentícios aos agressores ianques que lutam na Coréia e 700 milhões de cruzeiros para a compra de navios de guerra, que deverão operar ao lado dos agressores nos mares asiáticos. Que este dinheiro criminosamente destinado à morte de nossa juventude venha para as mãos dos trabalhadores, sob a forma de abono e de aumento de salários e ordenados! Isto é o que todos os trabalhadores e patriotas devem exigir imediatamente, prosseguindo com mais firmeza e combatividade a luta pelo Abono de Natal.

O Camarada Prestes Exemplo De Firmeza Revolucionária

AYDANO DO COUTO FERRAZ

Nosso grande camarada Prestes, líder querido da classe operária e do povo brasileiro, completa a 3 de Janeiro 53 anos. O camarada Prestes iniciou sua luminosa trajetória de revolucionário aos 16 anos de idade. São 27 anos, portanto, vividos a serviço do bem estar e da independência de nosso povo, mais proveitosos e cheios de sacrifícios que a nação conhece em toda a sua História.

O camarada Prestes mereceu, por isso, as mais fervorosas homenagens, as mais sinceras, as demonstrações de carinho mais expressivas de nosso povo, dos comunistas e dos seus amigos, de grande número de homens e mulheres que, cada vez mais, nele enxergam a sua única esperança. O eco dessas festas deve chegar aos ouvidos do camarada Prestes no domínio do continente. Seus olhos e seus ouvidos estão abertos ao que fazemos. E é ele quem nos comanda as ações. Somos a vanguarda combatente e organizada do seu exército, o exército da paz e da libertação nacional. Festejar os 53 anos do camarada Prestes é, assim, um dos nossos deveres de gratidão ao grande mestre e guia que possuímos e uma maneira de nos mostrarmos reconhecidos de suas sábias lições e nobres exemplos que dele recebemos.

Um dos ângulos mais resplendentes da vida do camarada Prestes é a sua firmeza revolucionária. Podemos mesmo dizer que seu exemplo político, tendo contra ele uma ordem de prisão preventiva fascista da ditadura, é sempre foi um líder vanguardista dos difíceis momentos que o povo brasileiro vem atravessando nos últimos trinta anos, sob a opressão e a colaboração imperialista e feudal. No curso desses trinta anos que o camarada Prestes apareceu na cena política brasileira, atraiendo sobre a sua figura as amplas massas da cidade e do campo. Desde então, em todos os primeiros tempos da Coluna Invicta, quando era o líder de uma revolução pequena-burguesa, sem a consciência que lhe deram a teoria e a prática do marxismo-leninismo e a militância no Partido, o camarada Prestes ofereceu luminosos exemplos de tempera revolucionária.

Durante os três anos de marchas e combates pelo interior do Brasil, sem abandonar a sua pessoa ou a colocar em causa, o camarada Prestes era o primeiro a passar os piores privações. Ele o comandante, fazia longas caminhadas a pé, cedendo para outras a sua montaria. Numa vila em que a Coluna Invicta deixava para um oficial mais moço a cama e a mesa e a fôrza reservada. Jovem ainda, como era nos duros anos de 1924-1927, o camarada Prestes já era considerado o pai para muitos companheiros da marcha heroica. Voltava até a temeridade, o camarada Prestes dava o exemplo nos combates, desprezando a morte. Seu heroísmo sem igual não era produto do clima de guerra civil em que vivia e simplesmente o nobre impulso que os bons soldados têm nas batalhas. Seu heroísmo era uma qualidade que fazia parte da fisionomia moral do camarada Prestes, fundindo-se harmoniosamente no conjunto que compõe a sua firmeza revolucionária. Essas qualidades o camarada Prestes ofereceu diariamente na vida de lutas que tem levado.

Sem ser ainda um revolucionário proletário, o camarada Prestes já era, perante um comandante dotado de notáveis qualidades, um indivíduo um alto espírito combativo, grande energia e força moral à sua tropa, sabendo compensar pelo valor e realização das ações, a inferioridade numérica e as dificuldades e munições com que defrontava o inimigo. O comandante muitas vezes ia ver pessoalmente se as sentinelas estavam nos postos determinados. Fraternal e solícito com oficiais e soldados, julgava-os ao mesmo tempo com autoridade. O senso de justiça era o seu segredo, disse-nos uma vez. Educava assim, com o seu exemplo de destemor e inquebrantável disposição, de modestia e energia, a massa de soldados e oficiais. Tão duras eram as condições de vida na Coluna que, num dos aniversários de Prestes, homenageando-o, seus comandados só tiveram para oferecer, em pleno sertão brasileiro, uma penca de bananas e alguns verdes para melhorar o rancho do dia.

Essa experiência, durante as duras privações, a boa escola de sacrifícios da Coluna Invicta, tudo isso serviu de sólida base para forjar a tempera revolucionária do camarada Prestes, até transformá-lo, depois de ser ganho ideologicamente pela classe operária, no dirigente bolchevique cujos exemplos de firmeza e patriotismo, no exílio, a partir de 1927, em seguida ao internamento da Coluna, não são elevados o exemplo que dá o camarada Prestes. Não descansava enquanto não encontrava ocupação para todos os seus soldados. Dedicou-se como engenheiro à construção de estradas e ali empregou até o último dos seus comandados.

Em 1931 o camarada Prestes, já então um comunista, viaja para a União Soviética, onde vai observar a construção do socialismo, a obra gigantesca de transformação da vida humana, a passagem do reino da necessidade para o reino da liberdade, como dizia Marx. Ali toma parte em importantes trabalhos, inclusive militares, na sua qualidade de engenheiro. Sentiu o esforço heroico da classe operária, dirigida pelo pulso de Stalin e do Partido Bolchevique e reforça suas convicções. Recebe a honrosa missão de desarticular uma rede de sabotagem trotskista contra importante indústria e, no cabo de algum tempo, havia

identificado os sabotadores, contribuindo para limpar as fileiras da revolução. Durante três anos trabalha e estuda na União Soviética, adquire novas experiências. A 1.º de agosto de 1934, em consequência da sua luta revolucionária, do seu devotado amor à Patria, da sua lucida compreensão do papel histórico da classe operária no mundo, como força dirigente da luta de libertação nacional dos povos coloniais e dependentes, o camarada Prestes ingressa no Partido Comunista do Brasil. Em 1935, seu nome era a bandeira da gloriosa Aliança Nacional Libertadora, organizada e dirigida pelo Partido Comunista. Mais uma vez, durante outra fase da vida brasileira, o camarada Prestes nós dá exemplos da sua inquebrantável fibra revolucionária.

A insurreição armada nacional-libertadora fôra derrotada em novembro de 35. Em Março de 36, o camarada Prestes é preso. Diante dele e de sua companheira Olga Benário, estão policiais de parabulum em punho. Sua serenidade é absoluta. Levado para a Polícia que é agora uma praça de guerra, responde ao esbirro que o interroga: "Meu



Prestes, quando encerrado a grande marcha, se asilou na Bolívia

depoimento é o meu manifesto de 5 de julho. Referia-se ao documento histórico, modelo no genero, em que convocava as massas para a derrubada do odioso governo de Vargas e a instalação do governo popular nacional revolucionário.

Outro grande exemplo da tempera revolucionária bolchevique do camarada Prestes é quando em 1937, na noite da ditadura estadonovista, foi levado perante o Supremo Tribunal Militar. Ali estava a nata da reação nas forças armadas, generais que ele derrotara, os mais ferozes e odiosos inimigos do primeiro oficial de exército sul-americano a se tornar comunista. Passando por cima da cabeça dos juizes e dirigindo-se ao povo, o camarada Prestes de-

clara com veemência que se a reação e as classes dominantes tentassem lançar o povo brasileiro numa guerra imperialista, os comunistas soberiam lutar contra essa guerra, transformando-a numa guerra pela independência e libertação nacional.

E quando, em 1940, nas culminâncias da ascensão do fascismo e da opressão da ditadura de Vargas que tudo cedia a Hitler, o camarada Prestes compareceu pela ultima vez diante do nefando Tribunal de Segurança sua atitude é a de um revolucionário que assimilou e dignifica as melhores lições de firmeza revolucionária bolchevique, toda a rica herança de Marx no processo de Colônia, os ensinamentos da caria de Lenin e Stassova e os presos da Moscou, a atuação de Dimitrov no processo de Leipzig. O juiz militar Maynard Gomes, traidor dos ideais dos movimentos de 22 e 24, laço da ditadura de Vargas, tinha na gaveta duas sentenças. De atitude de Prestes, para esse algoz, denunciavam seus anos de prisão. Era o 7 de novembro de 1940. E o camarada Prestes, aproveitando os poucos minutos de que dispõe, faz uma comovida saudação à gloriosa União Soviética, reafirmando assim sua inabalável certeza na vitória da grandiosa luta sustentada pelo Partido Bolchevique, tendo à frente o camarada Stálin. Foi condenado, por isso, a mais 30 anos de prisão, mas como Dimitrov não perdia um minuto sequer para adotar uma linha ofensiva e levar às massas a palavra do seu Partido.

Do mesmo teor são as declarações de Prestes em 1946, que provocaram uma tempestade dirigida na imprensa e no rádio venais e na Constituinte das classes dominantes. O camarada Prestes afirmou sem vacilar que o povo brasileiro jamais perdia em armas contra a União Soviética. A embaixada americana contra ele lançou suas matilhas enfurecidas. O camarada Prestes enfrentou-as com incomparável bravura e força moral, colocando, assim, na ordem do dia como educador de grandes massas, um problema com o qual, daí por diante, os comunistas e o povo brasileiro teriam que defrontar a cada passo.

Nosso povo tem uma linhagem de heróicos atepasados que nos legaram grandes ensinamentos, ao enfrentar com segurança e altivez a reação da época: Tiradentes Frei Cameca, Cipriano Barata, Sabino Vieira e outros. Os exemplos de firmeza revolucionária do camarada Prestes pertencem a essa linhagem. Edificam o povo brasileiro e inspiram os comunistas para ações heroicas. Por isso o imperialismo e a ditadura se encarnicam na perseguição ao camarada Prestes, visando separar-lo das massas cujas ações pela paz, pela libertação nacional e pelo poder democrático popular ele dirige.

Os comunistas sabem, diante das lições que nos dá o camarada Prestes, que uma coisa são as declarações políticas, mesmo quando justas, e outra é a pratica dos fatos. Para que haja ação, é preciso cobrir o intervalo que fica entre as declarações e a pratica. Para que a ação represente um golpe no inimigo, é preciso que tenha conteúdo e consequência revolucionária.

Os comunistas e o povo brasileiro estão diante de um serio momento da vida nacional, para a gravidade do qual, em Agosto de 50, o camarada Prestes já chamava a atenção, ao dizer: "A guerra nos bate as portas. Desse tempo para cá, em virtude das sucessivas derrotas do campo imperialista, entre as quais se inscrevem com relevo os feitos heroicos de povo coreano e dos voluntários chineses, esse perigo só fez se agravar. Será, pois, seguindo os exemplos de firmeza revolucionária do camarada Prestes, que hoje mais do que nunca têm atualidade, dando consequência revolucionária às nossas ações, desencadeando ações concretas de massas contra a guerra a que o imperialismo e ditadura tudo fazem para arrastar o Brasil, lutando por forjar e forjando no processo da luta uma ampla união para a defesa da paz e da liberdade, que teremos nos colocado à altura do que de nós exige o momento histórico e as lições que nos tem dado o camarada Prestes, através de toda a sua luminosa atividade revolucionária marxista.

FESTEJAR COM A AÇÃO E À LUTA

O 53.º ANIVERSÁRIO DE PRESTES

(Conclusão da pag. 1)

fliculdades, não temer que as lutas mais elementares se desenvolvam e levem aos combates parciais — escrevia Prestes no historico Manifesto de Agosto. E a realização pratica do caminho por ele traçado que temos diante de nós. Percorrer firmemente esse caminho, do caminho da ação e da luta, é a melhor maneira de festejar o aniversário do grande líder da luta de libertação nacional de nosso povo.

Ligar-nos às massas, convencê-las da justiça de

nossa luta, erguer protestos de todo canto, organizar e desencadear ações concretas em defesa da paz e contra a hecatombe atômica, elevar nossas lutas à altura do momento que atravessamos.

★ Unir as forças em defesa da paz —

Mas devemos também saber marchar com todas as pessoas, sem distinção de opiniões políticas e crenças religiosas, para obtermos êxito nessa luta unitária e nas amplas ações em defesa

da paz e para impedir que o povo brasileiro seja arrastado à voragem da guerra e se implante o terror fascista no país. Em seu historico Manifesto e nos demais documentos políticos por ultimo lançados a nação, Prestes é quem enuncia e transmite sua experiência para o êxito dessa grande tarefa. "O que precisamos fazer — são palavras de Prestes — é unir nossas forças e lutar para impor a vontade do povo, derrotar a politica de traição nacional de Dutra e

fazer triunfar a politica oposta, a politica do povo. União e ação em defesa da paz e da liberdade e, pois o lema sob o qual todos os patriotas e democratas, o povo que vê em Prestes sua única esperança, devem festejar essa data histórica, mais um aniversário de Prestes. Que essa data de festa seja também uma data de ação e de luta em homenagem a Prestes, o maior e o melhor dos lutadores, um data de luta pela paz e pela independência nacional do fugo imperialista americano.

Voz das Fábricas

LUTAR PARA ORGANIZAR
ORGANIZAR PARA LUTAR

No «Manifesto de Agosto», Prestes, chamando à luta pelos vários pontos do Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional, nos diz: «Nesse processo, organizando para lutar e aproveitando a luta para organizar, unificar-se-ão as forças populares e rapidamente crescerá e estruturar-se-á, a partir das organizações de base, a grande e poderosa Frente Democrática de Libertação Nacional».

Neste momento, quando grandes massas trabalhadoras se empenham na campanha pelo Abono de Natal, é preciso se ter em vista este conselho do Cavaleiro da Esperança a fim de que as lutas que se travam e as que ainda serão travadas possam, de um lado, trazer êxitos imediatos às massas, o que acrescerá sua combatividade e, de outro lado, ampliar e fortalecer sua organização, condição essencial para o desencadeamento de lutas mais altas e vigorosas.

Que significa «organizar para lutar e lutar para organizar?»

Tomando o caso específico da campanha pelo Abono de Natal, significa levantar esta reivindicação em todas as fábricas, empresas e repartições, e aproveitar a vontade de luta e o desejo das massas de conquistar o Abono para organizar rapidamente nessas fábricas, nessas empresas, nessas repartições comissões de luta por esta e outras reivindicações sentidas. É claro que, somente com alguma organização, mesmo que sejam comissões para a luta específica pelo abono nos locais de trabalho, se poderá levar a massa à luta e à vitória nesta campanha. Mas, a falta de organizações amplas e fortes no seio da classe operária, organizações, sobretudo, que abarquem todo um ramo profissional ou todo o proletariado de um município, Estado ou região é, sem dúvida, o maior obstáculo que ainda impede o desencadeamento de grandes lutas — como a greve geral, por exemplo, em escala municipal, estadual ou nacional — e de ações revolucionárias de massas. Por isto, é preciso aproveitar as lutas mais simples que surjam, em qualquer setor ou local de trabalho, para ampliar e fortalecer as organizações da classe operária, procurando dar caráter permanente às comissões que surjam na campanha do Abono, unificando as diversas comissões existentes em organismos profissionais livres da tutela ministerialista, prestigiados por toda a massa que se mobilizou para a campanha e que tenham garantido sua estabilidade através da luta contínua por um programa de reivindicações econômicas e políticas que consubstancie as aspirações mais sentidas dos trabalhadores de cada ramo industrial, município, etc.

GREVE NA CITETEX — No dia 15 entraram em greve os operários da Tecelagem Citetex, no Ipiranga, exigindo um mês de salário como abono de Natal.

NAS OBRAS DO I.A.P.T.C. — Declararam-se em greve

também pelo Abono, os trabalhadores das obras do Hospital do I.A.P.T.C., no Ipiranga. Os operários, em número de 400, recorreram à greve ao ter notícia de que o abono não lhes seria pago.

Prestes, Dirigente Operário

Demosthenes Lobo

De ano para ano, cada vez que comemoramos o aniversário de nosso querido constatamos que seu prestígio entre as amplas massas populares, particularmente na classe operária é maior do que nunca. Em vão o perseguem. Por sua própria experiência, as massas compreendem que os que perseguem Prestes são os mesmos que expoliam, os mesmos que lhes roubam o último pedaço de pão e afogam com violência seus anseios de liberdade. E por isso o povo brasileiro se identifica com o seu dirigente. Em Prestes, nas perseguições que ele sofre, em sua luta, o povo vê seus próprios sofrimentos, sua própria luta. Eis porque de ano para ano cresce a confiança do povo em Luiz Carlos Prestes é que de ano para ano cresce a confiança do povo em si próprio, em suas próprias forças.

O povo brasileiro reconhece em Prestes aquele que sempre lhe foi fiel. Aquela que jovem ainda rebelou-se contra os desmandos dos poderosos, interpretando o impulso revolucionário das massas populares na epopéia da Coluna. Naquela época, Prestes não tinha ainda encontrado a classe operária e seu Partido de vanguarda. Não podia, portanto, exprimir com justeza os mais profundos anseios do povo brasileiro, levando-o à vitória sobre os seus opressores. Sua honestidade, seu estranho amor ao povo, porém, levou-o a ultrapassar os estreitos limites ideológicos das camadas pequeno-burguesas que representava. Durante a própria marcha da Coluna, vendo de perto os sofrimentos do povo, Prestes compreendeu que os problemas de nossa pátria não podiam ser resolvidos com a vaga fórmula de justiça e liberdade. E quando

a Coluna encerrou sua gloriosa marcha, enquanto muitos de seus companheiros entregaram-se ao desespero e outros passaram para o campo do inimigo, Prestes permaneceu fiel ao povo. Através do estudo, da meditação, da observação da realidade brasileira, Prestes descobriu que do seio do povo surgira uma nova classe, mais revolucionária do que qualquer outra, destinada a dirigir todas as demais camadas populares na luta de libertação do Brasil de seus opressores. Descobriu que esta classe, a classe operária, possuía um Partido, sua vanguarda organizada, o Partido Comunista do Brasil. Então, para continuar fiel ao povo, Prestes foi ao encontro da classe operária. Estudou e assimilou a ciência desta classe, o marxismo-leninismo-stalinismo, única ciência que podia estabelecer com precisão os objetivos revolucionários do povo brasileiro. E Prestes abandonou a vaga fórmula de liberdade e justiça. Seus anseios de revolucionário encontraram a fórmula justa, a fórmula que traduz os mais profundos anseios do povo: libertação do furo do imperialismo norte-americano, entrega da terra aos que nela trabalham, instauração de um governo democrático popular sob a direção da classe operária.

Só assim, — Prestes compreendeu — haverá justiça e liberdade, haverá paz e felicidade para todo o povo.

Desde então a biografia de Prestes se confunde com a história do Partido Comunista do Brasil, com a história da classe operária brasileira. Cada acontecimento, cada passo de nosso povo no caminho da revolução, assinala a presença de Prestes como dirigente da classe operária.

De corpo e alma, Prestes

se entregou à tarefa de educar a classe operária brasileira para que ela possa desempenhar seu histórico papel na revolução. Em todos os seus documentos, em seus discursos e artigos, em seus informes, nos próprios atos de sua vida, Prestes tem sempre uma preocupação: levar a classe operária à luta, dar-lhe consciência revolucionária, prepará-la para dirigir as demais camadas do povo.

Ainda em seu último documento, o histórico Manifesto de Agosto, a figura de Prestes como dirigente operário se revela novamente em toda a sua plenitude. Em seu Manifesto, Prestes se dirige a todo o povo, a todas as camadas populares, a todos os democratas e patriotas que sofrem a opressão da atual ditadura a serviço da política de guerra dos opressores ianques. Mas é fundamentalmente à classe operária que Prestes se dirige. E ao lançar o programa da Frente Democrática de Libertação Nacional, que congregará todas as camadas revolucionárias de nosso povo, ele recomenda:

Nesse grande esforço de organização e unificação popular cabe ao proletariado um papel dirigente fundamental. Mas a classe operária precisa simultaneamente organizar-se e unificar suas próprias forças para que possa constituir a grande força motriz capaz de mobilizar e dirigir as demais camadas populares na grande luta pela libertação nacional do jugo do imperialista e pela conquista da democracia popular»

Assim é que Prestes quando fala à classe operária: destaca sempre seu papel dirigente que lhe indica os meios para que possa cumprir sua missão. Por sua própria experiência e por seus estudos do marxismo-leninismo-stalinismo, Prestes considera que falar em revolução sem falar na hegemonia do proletariado, sem falar na necessidade de que a classe operária unida e organizada assuma a liderança do povo, é o mesmo que pronunciar palavras vãs.

Dai, a preocupação de Prestes de educar revolucionariamente a classe operária, dar-lhe consciência de sua responsabilidade, elevá-la ao nível de seu Partido de vanguarda.

E não é por outro motivo que Prestes e seus companheiros de direção do Partido Comunista do Brasil sentiram necessidade de acompanhar o Manifesto de Agosto com uma resolução sobre o trabalho sindical. O Manifesto é chamado à luta, é um apelo para que o povo multiplique suas lutas pelas reivindicações contidas no Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional. Mas Prestes sabe que as lutas do povo se dispersarão, deixarão de ser canalizadas para o grande objetivo revolucionário, se dirigindo essas lutas não estiver o pulso firme do proletariado unido e organizado como classe.

Pela Organização de um Movimento Sindical Revolucionário

AGOSTINHO CARVALHO

A RESOLUÇÃO do Comitê Nacional do P.C.B. sobre o trabalho sindical, de outubro deste ano, nos abre uma clara perspectiva para organizar e dirigir o movimento sindical em nossa pátria de acordo com as diretrizes revolucionárias do Manifesto de Agosto.

A Resolução determina: «os comunistas devem trabalhar mais e melhor para organizar e unir a classe operária, mostrando paciente e diariamente que é impossível melhorar efetivamente o seu nível de vida e o das grandes massas sem a conquista da independência nacional e da Democracia Popular».

Quer isto dizer que nós, os comunistas, temos o dever de olhar o movimento sindical e sua organização no meio operário como uma preocupação diária e constante. Mas, ao organizar as lutas e as associações sindicais na base de um programa de reivindicações sentidas das amplas massas trabalhadoras, devemos encarar essas lutas e essas organizações como uma escola de educação da classe operária para a luta revolucionária, para a derrubada da ditadura feudal-burguesa, para a luta intransigente contra os provocadores de guerra e os bandos imperialistas de violadores da soberania nacional, em defesa das liberdades sindicais e democráticas.

As lutas sindicais, entretanto, só se desenvolverão e se transformarão numa verdadeira escola de aprendizagem revolucionária para o proletariado, se os comunistas souberem dirigi-las abnegadamente, cada vez mais ligados à massa na fábrica ou no setor profissional, mas sem abdicarem um só instante de sua condição de vanguarda política da classe operária.

Quer isto dizer que os comunistas devem saber fazer uma distinção clara entre a organização sindical dentro da empresa e a célula do Partido na empresa. E isto significa

que, lutando abnegadamente pelas reivindicações econômicas e políticas da classe operária, mais sentidas em cada empresa ou setor de trabalho — o que significa lutar dentro do organismo sindical — os comunistas têm o supremo dever de aproveitar todos os fatos concretos, todas as experiências adquiridas diariamente pelas massas, para esclarecê-las politicamente, chamando-as às lutas e ações revolucionárias pela paz, por pão, terra e liberdade, pelo Governo Democrático Popular.

Sómente nestas condições podemos organizar o movimento sindical brasileiro dentro do espírito revolucionário do Manifesto de Agosto e extirpar, através das lutas diárias pelas reivindicações gerais e específicas da classe operária, as tendências reformistas de que se acham ainda imbuídas determinadas correntes que honestamente militam no movimento sindical e, mesmo, grande parte dos trabalhadores. Mas, para tanto, é preciso que nós mesmos, os comunistas, compreendamos profundamente o caráter do trabalho e das lutas sindicais, não percamos de vista que a missão da classe operária é liquidar a sociedade capitalista e conquistar o socialismo, através do aprofundamento da luta de classe, não apenas no terreno econômico, mas sobretudo no terreno político, isto é, da luta pelo Poder. Luta pelo poder que especialmente nas condições de nossa pátria, nas condições de um país semi-colonial colocado à retaguarda do imperialismo, tem de ser cada vez mais violenta — a luta do povo armado contra os violadores da soberania nacional e os bandidos armados que esfomeiam e assassinam o povo.

Esta é a perspectiva que nos abre o Manifesto de Agosto e que se completa, para a nossa atuação no seio das grandes massas operárias, com a Resolução sobre o trabalho sindical. E para que atuemos justamente, precisamos estudar e debater constantemente, no seio das próprias massas, esses dois grandes documentos.

LIBERDADE PARA PRESTES, LIBERDADE PARA O POVO

ASTROJILDO PEREIRA

A luta pela liberdade de Luiz Carlos Prestes assume cada vez mais um aspecto decisivo no conjunto das lutas do povo brasileiro pelas liberdades democráticas, pela paz pela libertação nacional, pelo progresso do nosso país. Compreende-se: Prestes é o campeão destas lutas, o organizador das massas trabalhadoras e do povo em geral, o chefe da revolução brasileira. Ele é o Cavaleiro da Esperança para milhões de homens e mulheres, que o amam e o seguem; mas, por isso mesmo, sobre ele se concentra o ódio da reação a serviço do imperialismo, o ódio dos misérrimos escribas de aluguel. Perseguido-o visando abatê-lo as classes dominantes pretendem atingir a cabeça e o coração do movimento revolucionário em curso.

Não e por acaso que a fúria policial se mostra de mais em mais assanhada contra Prestes nestes momentos de agravamento da situação internacional, quando cresce de hora em hora o perigo de guerra e em consequência aumenta a pressão das forças imperialis-

tas sobre os latifundiários e capitalistas que «governam» o Brasil. Aprofundam-se as dificuldades económicas do país, e as classes dominantes, incapazes de dar solução a tais dificuldades, buscam abertamente o caminho dos golpes reacionários, que lhes facilitem arrastar o nosso povo à guerra, conforme o exigem seus patrões de Wall Street. Mas, para amordaçar o povo e submetê-lo ao terror fascista é preciso em primeiro lugar destruir o Partido Comunista, vanguarda organizada das massas trabalhadoras, e daí a fúria policial contra a direção do Partido e particularmente, como é lógico, contra Prestes.

Eis porque lutar pela liberdade de Prestes significa obviamente, lutar pelas liberdades democráticas em nosso país. Mas é claro também que isto não interessa apenas aos comunistas, tanto mais que a situação exige a ampliação da luta e dos seus objetivos, pois atualmente não se pode desligar a luta pelas liberdades democráticas das lutas pelas reivindicações do povo, pela paz e contra o imperia-

lismo. A ampliação e a conjugação de todas estas lutas num gigantesco movimento de massas, organizadas na mais larga e profunda frente única, constitui condição para o êxito final da campanha.

A ameaça das leis ditatoriais e fascistas atinge as massas populares em geral, abarcando largas camadas da população além da classe operária e da massa camponesa. A lei de arrôcho contra a imprensa, por exemplo, atinge diretamente aos jornalistas; a lei de alteração do serviço militar atinge aos jovens de todas as classes; e a infame Lei de Segurança viria a atingir a todos indistintamente, não respeitando nem a inviolabilidade dos lares nem a liberdade de consciência de ninguém, com o domínio completo e absoluto do arbítrio policial.

E convém acentuar que este mesmo fato de se encontrarem tão largas camadas da população interessadas em todas essas lutas é que torna possível levantar desde já, em todo o país, uma poderosa e irresistível frente única de combate. Outro fator favorável ao desenvolvimento da campanha em escala gigantesca reside na evidente fraqueza do governo Dutra, coisa evidenciada pelos resultados das eleições de 3 de outubro último. Tudo está portanto em se imprimir o máximo de iniciativa, de intensidade e de audácia ao movimento.

Com relação especialmente à luta contra o processo e a ordem de prisão preventiva de Prestes — em que os agentes nazi-fascistas aparecem abertamente, ditando ordens aos beleguins e juizes nativos e aos lacaios da imprensa sadia — devemos insistir em que a sua ligação com a luta pela revogação imediata da Lei de Segurança do Estado Novo e demais leis existentes vem a ser a melhor forma de dar caráter prático e objetivo ao movimento de solidariedade ao Cavaleiro da Esperança, pois é preciso ir além dos protestos e declarações verbais.

A recente campanha da coleta de assinaturas ao Apelo de Estocolmo — já a caminho dos 5 milhões — mostra o que é possível realizar na prática, desde que o espírito de iniciativa e a capacidade organizativa do povo sejam estimulados com verdadeira audácia revolucionária. Nada há que resista ao desencadeamento da vontade de luta das grandes massas. Tudo depende de sabermos organizar e impulsionar essa vontade, tanto em extensão quanto em profundidade.

A reação e o imperialismo sabem muito bem o que vale Luiz Carlos Prestes, líder revolucionário e popular de envergadura continental. Ele é o comandante das forças que em nosso Continente lutam pela revolução agrária e anti-imperialista. É o organizador e condutor da Frente Democrática de Libertação Nacional. É o dirigente máximo do Partido Comunista do Brasil. É o nosso herói nacional, honra e glória do povo brasileiro. É o grande intérprete das nossas melhores esperanças. Saberemos defendê-lo compreendendo que lutar pela sua liberdade é o mesmo que lutar pela liberdade da nossa terra comum.



Prestes, que encontrou o caminho revolucionário de contacto com a situação de miséria no campo, é o chefe das massas camponesas na luta pela terra e por sua libertação.

Voz dos Campos

UM NOVO ANO DE LUTAS

O ano de 1950 foi marcado por lutas camponesas que já demonstraram progresso em face da situação anterior. Foi um avanço, por exemplo, o surgimento de lutas organizadas e não simplesmente espontâneas, como as de Canápolis e Porecatú. Foi um avanço o fato dos camponeses resistirem de armas nas mãos à polícia e aos capangas dos grileiros, defendendo a posse das terras que ocupavam. Foi um avanço, finalmente, o fato de haverem os camponeses justificado por suas próprias mãos a um dos seus inimigos mais rancorosos, como ocorreu com o bandido Celestino, capanga dos Lunardelli, no Norte do Paraná.

Entretanto, estas lutas parciais estarão condenadas ao fracasso se não tiverem consequências, se se contentarem com os sucessos imediatos, se a massa camponesa não for levada a compreender a necessidade de ligar suas reivindicações económicas mais sentidas com as reivindicações políticas de todo o povo brasileiro. Pois é evidente que a parada no meio do caminho — a luta económica pela luta económica — poderá determinar o aniquilamento das melhores energias das massas camponesas: os donos do poder, os grandes fazendeiros e seus representantes no governo, podem reagrupar forças visando esmagar as resistências encontradas ocasionalmente neste ou naquele lugar.

Assim, o que se impõe o mais urgentemente possível é a ORGANIZAÇÃO das massas camponesas, de todos os camponeses pobres e que lutam pela baixa do arrendamento, pelo direito de prorrogação dos contratos, contra a expulsão pelos grileiros e pela posse da terra. Unidos e organizados, os camponeses serão uma força invencível, desde que se coloquem ao lado e sob o comando imediato da vanguarda da classe operária, dos combatentes mais decididos do proletariado.

É o que ensina Prestes no seu Manifesto de Agosto, quando conclama os «TRABALHADORES DO CAMPO: assalariados, meeiros, parceiros, colonos, arrendatários, trabalhadores do eito! Organizai-vos nas fazendas e nas aldeias. Lutai pelos vossos interesses económicos, por maiores salários, pelo pagamento do salário em dinheiro e quinzenalmente, contra o vale e os preços extorsivos do armazem e do barracão. Lutai pela completa liberdade de organização e de locomoção dentro do latifúndio, contra a expulsão da terra, pelo direito de prorrogação de todos os contratos, por uma menor taxa de arrendamento, pela liberdade para a venda do mercado de toda a produção. Lutai contra a guerra imperialista, em defesa da paz e pela posse da terra; por um governo democrático popular que vos ajude a tomar a terra dos latifundiários e distribuí-la sem indenização entre os trabalhadores do campo».

O ano de 1950 demonstrou que é este o caminho mais curto para a libertação dos camponeses. Que esse caminho seja seguido com maior resolução e audácia no ano de 1951.

★

COMITÊ DE LIBERTAÇÃO — Os camponeses de Pontal, em Canápolis, Minas Gerais, miseravelmente explorados no cultivo de arroz, resolveram fundar um Comitê Democrático de Libertação Nacional, tendo por base o ponto 4 do Programa do Manifesto de Agosto, mediante o qual «A TERRA DEVE SER ENTREGUE GRATUITAMENTE A QUEM A TRABALHA».

SOLIDARIOS COM OS DE PORECATU' — Os camponeses de Terra Vermelha, distrito do Município de Cachoeira, no Estado da Bahia, enviaram uma mensagem ao deputado Pedro Pomar pedindo-lhe que transmitisse, da tribuna da Câmara Federal, sua solidariedade aos camponeses de Porecatú, que lutam de armas na mão pela posse da terra. Entre outras coisas diz a mensagem: «Diga vossa excelência a esses companheiros de luta que tenham confiança na vitória, porque os camponeses de nossa pa-

tria estão dispostos a seguir o seu exemplo, combatendo por todos os meios pela entrega da terra a quem trabalha».

★

EM DEFESA DE PRESTES — 230 camponeses de Pojuçara, Estado do Ceará, enviaram ao Supremo Tribunal Federal um abaixo-assinado protestando contra a monstruosa ordem de prisão preventiva decretada contra Luiz Carlos Prestes, chefe dos trabalhadores das cidades e do campo.

★

UM COMITÊ CAMPONES DE LIBERTAÇÃO — O Comitê de Libertação Nacional fundado há pouco por camponeses de Andradina, Estado de São Paulo, está trabalhando ativamente em apoio a numerosos camponeses pobres vítimas dos latifundiários. Neste momento, o referido Comitê está recolhendo contribuições para assistir ao pequeno sitiante Luiz Autran, cuja terra está ameaçada pelo fazendeiro Moura Andrade e pelo prefeito de Andradina, o qual quer transformar o campo de aviação

Solidários com Prestes os camponeses de Porecatú

Os heroicos camponeses de Porecatu e Centenário, que lutam em defesa de suas terras contra o banditismo dos latifundiários e da ditadura de Dutra, enviaram o seguinte protesto contra o infame processo nazi-fascista movido contra o Cavaleiro da Esperança:

«Centenário, Novembro de 1950.

Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal

Nós, abaixo-assinados, camponeses de Centenário e Porecatú, vimos por meio desta protestar contra o processo fascista que estão movendo contra o nosso querido líder Luiz Carlos Prestes, o homem que mais tem lutado em defesa de nosso povo, sem temer as injustiças e perseguições dos tubarões do câmbio negro. Os motivos pelos quais estão querendo processar o nosso querido líder Luiz Carlos Prestes é por ele ter denunciado ao Povo Brasileiro o envio de nossos soldados para morrer na Coréia, por ter denunciado a entrega do nosso Brasil aos capitalistas americanos. Enfim, estão querendo processar o nosso líder por ter ficado ao lado do povo e contra o governo de traição nacional de Dutra. Exigimos desse Tribunal o arquivamento desse processo monstruoso.

Pelo arquivamento do processo fascista movido contra o nosso querido líder Luiz Carlos Prestes: Todo o nosso apoio à vitória de um Governo Democrático Popular.

Arlindo Gachardone, Arlindo Bilar, João Bilar, Camila de Almeida Camargo, Elvira Piedade, Teresa Piedade, João Bueno Camargo, José Benedito Bueno, Elias Camargo, Idalina Maria Francisca, João Alves, Mario Bilar Penha, Antonia Penha Sanches, José Bilar Filho, Aracy Bilar Penha, Francisco Dania, Joseia Rojo Bilar, André Bilar Rojo, Valenlim Moreno, Antonia Moreno, José Moreno, Armando Moreno, José Moreno, Armando Moreno, Deolinda Moreno, Adelina Sanches, Francisco Lourenço Filho, Pedro Pinha, Josefa Garcia Pinha, Incarnacion Garcia Pinha, Poder Pinha Filho, Orozinho Vieira, Pedro Moreno, Dolores de Jesus, Francisco Moreno, Ana Moreira de Abreu, José Moreira de Abreu, Alor Bernardo dos Santos, Dolores Gonçalves Pinha, Aurora Gonçalves Pinha, Antonio Gonçalves Pinha, Manoel Sanches, Cornelia Sanches, Valdeleno Pinheiro, Antonio Inácio, Delfino Alves, Tadeu Mosloski, José Bilar Segura, Antonio Bilar Penha, Joana Moreno, Josefa Bilar Daria, Deolinda Bilar Daria, José Bilar Rojo, Floripes Bilar Rojo, Teresa Moreno, Antonio Moreno, Alcides Moreno, Mercedes Moreno, Laura Sanches, Francisco Lourenço Figueiredo, Osvaldo Lourenço Figueiredo, Pilar Garcia Pinha, Conceição Garcia Pinha, Bitancior Garcia Pinha, Manoel Alves da Cruz, Maria Aparecida, Conceição Moreno, Dolores Rodrigues, Ramona Rosa Rodrigues, Orlando Moreira de Abreu, Paulo Moreira de Abreu, Antonio Carvalho dos Santos, Josefa Gonçalves Pinha, Mercedes Gonçalves Pinha, Pedro Gonçalves Pinha, Hilario Gonçalves Padilha, José Sanches, Maria Pinha Sanches, Amélia Sanches.

Vida de VOZ OPERARIA

TAREFAS DO CORRESPONDENTE DA «VOZ»

Iniciamos no número passado, a publicação de uma série de tópicos de orientação para os nossos correspondentes de fábricas. Prosseguimos, hoje, indicando as principais tarefas do correspondente e a melhor maneira de realizá-las.

INFORMAR RAPIDAMENTE

O correspondente da «VOZ» deve transmitir para a nossa redação, com rapidez, as informações referentes a fatos de interesse da massa da fábrica, principalmente se se trata de uma greve, de um movimento de camponeses em defesa de suas terras, uma denúncia política ou a infiltração de agentes imperialistas em empresas nacionais. A notícia rápida deve conter os elementos indispensáveis a clareza e compreensão do leitor, ajudando-o a desenvolver-se e a participar dos protestos que esses fatos provocam.

AS INFORMAÇÕES DEVEM SER COLHIDAS DIRETAMENTE

O correspondente que transmite informações colhidas de terceiros, arrisca-se a prestar informações nem sempre verdadeiras e completas. Esse nosso precioso auxiliar deve levar em conta o jornal para o qual escreve ou transmite as informações. Uma notícia sobre um acontecimento não devidamente esclarecido, pode levar-nos a publicar fatos possíveis de correção, o que não se coaduna com as normas do nosso jornal.

As informações devem ser colhidas diretamente pelo correspondente, no local, ouvir a

sempre, sempre que possível, os participantes dos acontecimentos.

SEJA BREVE

Uma notícia para ser lida sem pensar, deve ser breve. A reportagem deve ser concreta, conter os fatos ou analisá-los, quando for o caso, mas sem comentários inúteis. O correspondente da «VOZ» deve proporcionar aos seus leitores uma leitura agradável, na base dos fatos, deve informar o necessário para possibilitar ao jornal dispor de espaço para um maior número de notícias, de artigos e reportagens.

A ESCOLHA DOS ASSUNTOS

O correspondente da «VOZ» deve orientar no sentido de fazer a escolha dos assuntos que devem ser publicados pelo nosso jornal. Certos fatos, por assim dizer domésticos, pouca importância têm para a massa dos nossos leitores. Mas o contacto e a vida que leva um correspondente de fábrica da «VOZ», sua permanente ligação com a massa da empresa lhe dão margem de auscultar a opinião dos trabalhadores, conhecer todas as suas reivindicações, saber de suas reações diante dos acontecimentos políticos, diante das violências fascista da ditadura, diante das ameaças crescentes de guerra, diante das perspectivas de mais fome e miséria para a classe operária e para o nosso povo. E a leitura do jornal pode e deve orientar os nossos correspondentes na escolha da matéria que nos devem encerrar.

COMO REDIGIR

Uma notícia, uma reportagem ou um artigo devem ser redigidos com simplicidade e não devem omitir nenhum detalhe essencial, quando se trata de fatos importantes.

Por exemplo: se se trata de uma greve, que se deve fazer para informar o jornal? Primeiro — o lugar da greve; segundo — os motivos da greve;

Voz dos LEITORES

O CAVALEIRO DA ESPERANÇA

MINERVINO OLIVEIRA

QUANDO na época da «Grande Marcha», a imprensa transformava em simples lendas os efeitos históricos da Coluna Invicta, a todos nós, que aquela época já tínhamos formado uma mentalidade revolucionária não escapava que estávamos diante de um gênio militar: o Cavaleiro da Esperança. Os feitos do jovem capitão, cujo nome se revelava ao país, podem ser comparados, na verdade, aos da «Grande Marcha do 8.º Exército Chinês, sob a direção dos gênios de Mao Tsé-Tung e Chu-Téh.

O gênio militar de Prestes afirmou-se nos primeiros anos de sua juventude e empolgou o país.

Passados muitos anos, vemos o mesmo homem na maturidade. A mesma fibra combativa, o mesmo caráter e a mesma lealdade aos princípios que defende, a mesma capacidade de direção, que revelou na «Coluna», agora, aplicada à direção das amplas massas oprimidas do país, na luta sem quartel contra todos os opressores de nosso povo. E nós o proclamamos: um GENIO, apenas!



Um dos biógrafos de Prestes diz, com justeza que depois de sua declaração de princípios, em 1930, ele passou a ser não somente o herói da pequena-burguesia, que encarnou no movimento tenentista, mas, igualmente, o líder incontestável do nosso proletariado. E acrescentou: «Estava estabelecida a conjunção entre os interesses reivindicatórios da pequena-burguesia assalariada e do proletariado impunemente

explorado». Esta é, sem dúvida, uma das grandes contribuições de Prestes ao movimento revolucionário no Brasil: a de haver encurtado, com sua passagem corajosa para as posições do proletariado revolucionário, o caminho de aproximação das pequena-burguesia — e de outras camadas exploradas e oprimidas do povo — ao proletariado. A adesão de Prestes ao Partido Comunista foi, sem dúvida, um dos seus mais poderosos que permitiu, em muito pouco tempo, a aproximação de grandes massas populares do Partido de vanguarda da classe operária e sua intensa mobilização na Aliança Nacional Libertadora.

Com muita clarevidência, o próprio Prestes declarava na sua famosa carta de 1930 «minha atitude de constante repúdio aos traidores e renegados da Revolução faz com que a grande massa de trabalhadores, dia a dia mais miserável e esfomeada, já destilada dos seus melhores elementos se para mim, como se voltam também para o partido do proletariado, como OS UNICOS QUE AINDA NÃO OS ATRAIÇOARAM».

E os anos robusteceram esta confiança das massas em Prestes e no Partido: os únicos que nunca vacilaram na defesa intransigente dos interesses do proletariado e do povo, que nunca vacilaram em dar combate, em quaisquer circunstâncias, aos inimigos de nosso povo.

Este é o «Cavaleiro da Esperança», raivosamente perseguido pelos canibais da reação mas carinhosamente guardado pelo proletariado.

terceiro — número de operários em greve. Posteriormente, dar um balanço do movimento, a intervenção da polícia se houver, as adesões e a análise das experiências da greve.

O MANIFESTO DE AGOSTO E A RESPONSABILIDADE DA JUVENTUDE

Silvia Ramos

Foi com verdadeira alegria que nós, os jovens brasileiros, tomamos conhecimento do histórico Manifesto de Prestes.

Como todo o nosso povo, saudamos com ardor a saída senta para a nossa angustiada situação: a substituição através das lutas revolucionárias de massas, da ditadura feudal-burguesa que nos explora e oprime, por uma democracia popular que solucione nossos problemas fundamentais.

Mais do que ninguém, nós, os jovens, sentimos em nossos ombros o peso brutal da política de guerra e traição nacional da ditadura de Dutra, como também sentimos mais do que ninguém a necessidade de derubá-la, ajudando o nosso povo a conquistar dias melhores, quando a juventude, livre, possa trabalhar, estu-

dar e construir um mundo de progresso e felicidade, sem fome e miséria e, sobretudo sem ameaças de uma nova guerra.

No entanto, não basta ficarmos entusiasmados com o Manifesto, sentirmos que ele é justo. É preciso nossa imediata e ativa contribuição ao grande movimento de libertação nacional que devemos ampliar em nossa pátria. Essa contribuição deverá partir e se desenvolver através do esclarecimento, da organização e desencadear de grandes e numerosas lutas da juventude. É preciso considerar, como nos diz Prestes, que já não se trata apenas da fome e da miséria que invade nossos lares. É o sangue de nosso povo que, sem distinção de sexo ou idade, começa a correr nas ruas de nossas cidades. São os imperialistas que nos batem às portas exigindo a vida de 20 mil jovens brasileiros para suas aventuras guerreiras na Ásia. É a ameaça da guerra atômica que pesa sobre o nosso povo.

PROTESTEMOS Contra os Atentados

(Conclusão da 12.ª pag.) esse direito assegurado por lei.

Contra mais esse atentado de Dutra, temos o dever de mobilizar a opinião pública em torno de nossa causa, que é justa, a causa da liberdade de imprensa, denunciando-o à nação. Denunciar com energia a violência e a farsa de Dutra que ainda tem a coragem de afirmar que existe liberdade de imprensa em nosso país, é dar um passo à frente para preparar a derrota da ditadura e a suspensão da sua medida arbitrária. Protestar com veemência, mas não apenas os jornalistas e sim as massas populares, os operários partia-

dos dos seus locais de trabalho para as redações, os funcionários, os populares, de todas as corporações e pessoas cuja causa a imprensa popular tem defendido e defende com vigor e consequência. Um poderoso movimento de protesto em defesa da liberdade de imprensa pisoteada e reduzida a nada pela ditadura, impõe-se como necessidade urgente. Dêsse movimento amplo, capaz de abranger todos os jornalistas e todas as pessoas que amam a paz e a liberdade, depende a cessação da monstruosa violência adotada contra os jornais populares pela ditadura de Dutra, em marcha para o fascismo e a guerra.

Por um novo ano de lutas e vitórias

Conclusão da pág. 3)

nos corações de milhões de brasileiros, até agora não teve coragem de enviar os nossos 20 mil soldados que o patrão imperialista exige para imolar na Coréia. Não podemos deixar de confiar nessa classe operária que, mesmo desorganizada como ainda se encontra, toma o caminho da greve e luta nas ruas, ainda desarmada, contra as armas assassinas da gestapo de Dutra. Não podemos deixar de confiar nessa massa camponesa que desperta e começa a lutar, não vacilando mesmo, quando alertada e esclarecida, a empunhar armas para defender suas reivindicações contra o terror dos latifundiários e seus agentes.

Se, em 1950, participamos dessas lutas, se pudemos dirigi-las, por que não haveremos de poder desencadear lutas mais altas e decisivas em 1951, agora que já nos encontramos norteados por um poderoso instrumento de luta, que nos aponta a forma justa de nos ligarmos às massas e dirigi-las como o é o histórico Manifesto de Agosto de grande Prestes? Por que não haveremos de poder levar o nosso povo às lutas de libertação nacional e à vitória, agora que o próprio agravamento das condições de vida das massas, os sofrimentos cada vez maiores que traz as mesmas uma odiosa política de guerra e traição nacional, a catástrofe dessa política que se vai tornando clara aos olhos do povo, aumentam a radicalização das próprias massas e enfraquecem continuamente a base social do governo ditatorial feudal-burguês?

Depende de nós, camaradas, unicamente de nós, ganhar as massas para essas lutas, para as ações revolucionárias indicadas pelo Cavaleiro da Esperança, no Manifesto de Agosto. Depende de nós o êxito desta tarefa histórica.

E de que precisamos para realizá-la?

Precisamos corrigir os erros e as tendências que ainda dificultam e deturpam a aplicação prática das palavras de ordem do Manifesto de Agosto. Corrigir, por exemplo: a tendência verificada em nosso trabalho no seio da classe operária de não ligar as lutas econômicas à luta política pela paz e a independência nacional, deixando passar diversas oportunidades para esclarecer as massas trabalhadoras, através de sua própria experiência, sobre a necessidade de ir às ações concretas com objetivos políticos e de se organizarem nos Comitês Democráticos de Libertação Nacional para a luta revolucionária pelo governo democrático popular. Liquidar, ainda, toda vacilação em apresentar claramente às massas, no curso de todas as lutas que se iniciem a solução que Prestes indica para os problemas de nosso povo, dando às massas, com o nosso próprio exemplo, com a nossa abnegação de comunistas, ensinamentos concretos de luta revolucionária.

Este é o nosso dever, que impõe, sem dúvida, sacrifícios. Mas, nós, revolucionários, nós, comunistas, devemos justamente educar as massas, com suas experiências vividas e com o nosso exemplo, no espírito de não se conquistam vitórias sem sacrifícios. Possuímos, nós, a vanguarda da classe operária e do povo, este espírito de abnegação revolucionária, esta honra comunista. Guiando-nos pelo Manifesto de Agosto esta nossa abnegação revolucionária nos permitirá ganhar as massas para as lutas decisivas que se aproximam sob a bandeira da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL, sob o comando de nosso grande e querido Prestes. Marchemos com audácia, pois. Com as lutas de 1951 aproximamos nosso povo da vitória!

6 MESES DE LUTA DO POVO COREANO

1 — A DEBACLE NORTE-AMERICANA NA COREIA

2 — «POLÍTICA SUICIDA» — DIZ KENNEDY

3 — «PODEMOS SOFRER UMA SEGUNDA COREIA NA EUROPA», RECONHECE HOOVER

4 — BANCARROTA DE UMA POLÍTICA

Foi a 25 de junho de 1950 que as tropas mercenárias do lacaio norte-americano na Coreia, Sigman Ri, invadiram traiçoeiramente a linha divisória que a ocupação na Coreia havia imposto a essa península da Ásia — o Paralelo 38.

A 27 de junho, antes de qualquer decisão, mesmo ilegal, da ONU, Truman ordenava a intervenção das tropas norte-americanas na Coreia visando a ocupação do país pelos Estados Unidos, numa tentativa desesperada de estabelecer o domínio ianque sobre a imensa China e toda a Ásia.

Neste meio ano, o povo da Coreia deu ao mundo, e particularmente aos povos coloniais e semi-coloniais, uma lição do heroísmo n' sua determinação maravilhosa de resistir a todo custo ao invasor estrangeiro e de impôr a derrota completa e definitiva a seus servos dentro do país.

Quase expulsos da Coreia, os americanos reuniram tropas de diversos países que têm domínios coloniais na Ásia ou que estão sujeitos aos monopólios de Wall Street, reforçaram várias vezes sua frota de guerra marítima e aérea, e estiraram novamente para o Norte, atravessando o Paralelo 38 e rumando para as fronteiras da China e da União Soviética.

A RÉPLICA DO POVO COREANO

A 27 de novembro iniciava-se a réplica vigorosa do valente povo coreano. Com a ajuda de voluntários chineses, os coreanos cercaram e aniquila-

ram as melhores forças armadas dos Estados Unidos e demais embaixadores da intervenção militar na Coreia.

Dezenas de milhares de fuzileiros n' vaís ianques — considerados tropas de elite pela propaganda imperialista — foram encurralados nas proximidades da represa de Chonjin e desde então vêm sendo implacavelmente exterminados. Os restos dessas tropas invasoras tentam neste momento fugir pelo porto de Hungnam, e embora os americanos falem numa «Dunquerque», não conseguem nem mesmo uma fuga, vergonhosa como a dos ingleses nas costas da França em 1940. Seu fim irremediável será o extermínio completo.

PERDAS NORTE-AMERICANAS

As agências telegráficas e os jornais que servem ao imperialismo ianque tentam esconder a debacle norte-americana na Coreia. Mas inutilmente. Mac Arthur ainda tem o cinismo de afirmar que se «os exércitos estão intactos». Mas a realidade dos fatos desmente o herói fracassado de Wall Street. Além das numerosas unidades americanas cercadas, outras tropas abandonaram todo o armamento que levavam — desde tanques, canhões, caminhões e carros de assalto, até os simples fuzis — para melhor poderem correr. Dezenas de cidades foram libertadas no último mês de luta pelo Exército Popular coreano, agora reforçado com os voluntários chineses. Pi-ong-Yang, vítima da sel-

va — i: que, se encontra novamente nas mãos do povo coreano, como sua capital da libertação. E Seul, tradicional capital da nação coreana, está em vias de libertar-se também. Anjú, Vosan, Hamhung, Toksun, são algumas das principais cidades arrebatadas ao invasor estrangeiro.

ALGUMAS CIFRAS

Os próprios americanos confessaram que somente na primeira semana da luta retiraram por via aérea para o Japão 14.000 feridos, sem falar nos feridos que não puderam ser evacuados, nos mortos e prisioneiros.

Um comunicado coreano revelou que o Exército Popular infligiu baixas aos invasores que totalizaram, na primeira semana da contra-ofensiva, 22.208 homens, entre mortos, feridos ou aprisionados. Nesse mesmo período foram tomados às tropas americanas 1.954 veículos.

Finalmente, nesta última semana de dezembro, os americanos perderam o comandante supremo dos exércitos invasores da Coreia, o feroz general Walker, responsável pelos mais sangrentos crimes de guerra contra o povo coreano, inclusive o fuzilamento em massa de mulheres e crianças. Esse general Walker já comandara outra invasão norte-americana: contra o México, em 1914.

A MÁSCARA DA DERROTA

As tropas norte-americanas e de outros países que se empenharam na aventura guerreira contra a Coreia se encontram em completa desmoralização. Um correspondente americano as comparou, no seu estado atual, às hordas de Hitler que foram batidas em Stalingrado, tal o acabrunhamento completo em que se encontram, cada vez mais ignorantes dos motivos que as empurraram até a Coreia, sem saber que estão sendo mero joguete nas garras dos trustes imperialistas.

«POLÍTICA SUICIDA»

O ex-embaixador dos Estados Unidos na Inglaterra, Joseph Kennedy, qualificou de «política suicida» a política externa norte-americana, e acrescentou que as forças armadas ianques «devem sair da Coreia».

No mesmo tom, admitindo a completa derrota dos planos expansionistas de Truman, falou o ex-presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, que disse textualmente:

«Fomos derrotados na Coreia. A Europa pode ser para nós uma segunda Coreia. Jamais chegaremos a Moscou».

A derrota completa e definitiva — é o destino que está reservado pelos

povos aos agressores imperialistas norte-americanos, que sonham deflagrar a guerra mundial para dominar o mundo. O exemplo da Coreia deve ser uma lição aos canibais de Truman e Mac Arthur. Na Coreia ficou demonstrado que os intervencionistas americanos e seus cúmplices, quaisquer que sejam as atrocidades que possam praticar, não vencerão ja-

mais as forças de um povo decidido a lutar para sobreviver como nação livre e independente.

O fracasso inevitável da agressão norte-americana à Coreia não é uma simples debacle militar. É a derrota esmagadora da doutrina fascista imperialista, é a bancarrota da política de guerra e expansionismo dirigida por Wall Street.

A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL A PRESTES

OSVALDO PERALVA

Certa vez, durante o Estado Novo, o embaixador de Vargas na França recebeu uma informação que lhe pareceu inacreditável. Tomou o automóvel e foi verificar com os seus próprios olhos este acontecimento — em Paris, tanto nas ruas centrais como nos bairros operários, as paredes estavam cheias de cartazes clamando pela liberdade de Prestes. E essa manifestação de solidariedade a nosso povo, na pessoa do seu filho mais querido e admirado, se repetiu sob diferentes formas, inclusive através de comícios e passeatas, em numerosos países de todos os continentes. Destaque-se, porém, a campanha efetuada na Argentina, no Chile, no México e em outras nações latino-americanas que vêm no jovem herói encarcerado, no dizer de Neruda, uma «grande e nobre figura da liberdade da América».

Tudo isso, que a feroz censura policial impediu de ser levado então ao conhecimento das massas brasileiras, indica o quanto era compreendido e valorizado no estrangeiro o papel desempenhado por nosso povo no cenário político mundial. Pois, com efeito, essa campanha em favor da liberdade de nosso grande líder, era uma campanha em favor daquilo pelo qual ele lutava e luta à frente do proletariado e do povo, isto é, pela paz e contra a escravidão fascista.

É certo que em todos esses movimentos o nome do Cavaleiro da Esperança tinha o poder quase mágico de incendiar a imaginação das massas, evocando os feitos épicos de sua Coluna Invicta. Mas ele crescia ainda mais na admiração e no amor dos povos, quando se frizava que esse herói legendário colocara resolutamente sua fama e seu prestígio, sua bravura e seu gênio a serviço da causa do proletariado. Que à frente do seu povo, ergueu-se em armas visando opôr um dique à maré montante do fascismo que se espalhava por toda parte. Que foi o comandante supremo da gloriosa insurreição nacional-libertadora.

Hoje a reação brasileira e o imperialismo ianque pretendem de novo encarcerar Luiz Carlos Prestes. A infame ditadura de Dutra tem a estúpida ilusão de que, utilizando para perseguir o esses desmoralizados tribunais das classes dominantes, a fim de embelesar ao crime que prometiam uma abrangência de localidade, e levando em conta o fato de que as notícias daqui para o exterior são deformadas e transmitidas pelas agências telegráficas do imperialismo, a opinião pública estrangeira ficaria desarmada para levantar um movimento de solidariedade ao grande chefe da luta anti-imperialista no Brasil.

Mas como se enganam! De há muito que no exterior as notícias sobre Prestes correm como um borémetro para medir a pressão da atmosfera política nacional. Se esticarmos a liberdade e seu partido e os seus mandatos de todos os parlamentares eleitos sob a bandeira comunista, inclusive o seu próprio mandato de senador se lhe moverem processos e aos seus companheiros de direção e se antes até de julgados, decretam sua prisão, então fica evidente que o porquê se fascistas que as liberdades são garantidas, que um perigo muito grave ronda o futuro de nossa pátria.

Por que perseguem Prestes e seus companheiros? Porque ele luta pela paz e pelas liberdades, contra a colonização de nossa terra e sua transformação em base de operações militares das agressoras invasoras, contra a renúncia de nossas matérias primas e da energia de nossa juventude para alimentar a máquina bélica dos gigantes atomícos. Daí que não surpreenda, se bem nos comovamos e animamos, essa ardente solidariedade internacional que ora se manifesta ao Cavaleiro da Esperança.

Já há seis anos o transcurso do aniversário de Prestes foi festejado em Paris com um magnífico ato público. E mais recentemente, cerca de dois centenas de intelectuais franceses dos mais representativos da cultura do país de Thorez e Rolland, assinaram um documento de veemente protesto contra a perseguição que lhe está sendo feita. No mesmo sentido pronunciaram-se intelectuais de diversos outros países, homens da projeção mundial de um Pablo Neruda, Ilya Ehrenburg, Martin Novo, Ana Seghers e tantos outros. E é um movimento que começa a se organizar, conforme se vê pela notícia chegada de Bucareste, onde foi estruturado um comitê de defesa da vida e da liberdade de Prestes.

Esse movimento de solidariedade a Prestes, que se desenvolve internacionalmente, constitui um forte estímulo para que intensifiquemos nossas lutas patrióticas e democráticas, entre as quais se inclui a luta específica em defesa da liberdade e da vida de nosso querido chefe — luta que deve ser organizada de maneira ampla e ofensiva, isto é, dentro de uma campanha que vise não só o arquivamento desse ignominioso processo, mas ao mesmo tempo a revogação de todas as leis fascistas, como as de segurança em vigor e em elaboração, como a lei de reforma dos militares anti-fascistas e a lei contra a imprensa, contra a inconstitucional exigência do objecto atestado de ideologia, pelo restabelecimento das liberdades públicas. Pois esse é hoje, sem dúvida, um dos importantes setores da vasta frente de luta pela paz, pela libertação nacional e pela democracia popular.

FERRO EM BRASA

Conclusão da pág. 3)

Estão ocupando bases aéreas, como as de Gravataí, Iburá, Val de Cás, Cocorote, no sul, nordeste e norte do país. Têm comissões técnicas, comissões mixtas, destacamentos militares, prontos a entrar em ação ao menor sinal. De forma sorrateira, ocupam praticamente o país. Espalham-se por todo o território, os oficiais e soldados andam à paisana. Os armamentos de nossas forças estão padronizados. Os regulamentos militares são americanos. Quem é a 3.ª Coluna? Os que auxiliam esse infame trabalho de colonização e ocupação militar de nossa Pátria para lançar a no abismo da guerra ou os que a isso se opõem, enfrentando as violências, a máquina de propaganda, o terror fascista, todo o peso do aparelho do Estado contra eles lançado?

Que a opinião pública caracterize a atuação de pessoas como o general Cordeiro de Farias e dê a merecida resposta à criminoso propaganda de guerra que fazem, ele e seus comparsas repudiados pelo povo e pela oficialidade patriótica como porta-vozes do imperialismo ianque.

QUINZENA DE LUTA CONTRA A GUERRA

- 1) Protestemos, por todo o país, contra as medidas guerreiras que visam o sacrificio de nossa juventude.
- 2) Contra os 50 milhões de cruzeiros para auxiliar os agressores ianques, contra o envio de soldados brasileiros para a Coréia, contra as leis de guerra e o fascismo.

Os dirigentes do Movimento Nacional de Defesa de Paz e mais numerosas personalidades de destaque na vida brasileira, acabam de lançar o seguinte.

«MANIFESTO AO POVO

Nesta hora da maior gravidade para a vida dos povos e para o presente e o futuro de nosso país, em face do perigo crescente de guerra e da ameaça de ser lançada a bomba atômica sobre a humanidade, diri-

gimo-nos a todos os homens e mulheres de boa vontade, no sentido de alertá-los para a união e para a ação em defesa da paz e da liberdade.

Estão à vista de todos as medidas de guerra que se executam em nosso país ao lado de uma intensa e histórica propaganda guerreira, não obstante ser isso um atentado aos sentimentos e à vontade de Paz da imensa maioria dos brasileiros, e a nossa Constituição proi-

bir guerras de conquista e a propaganda guerreira.

O governo obtem da Câmara Federal 50 milhões de cruzeiros de crédito em favor dos intervencionistas americanos na Coréia, premedita com o projeto de 700 milhões de cruzeiros para o Fundo Naval comprar navios de guerra usados, nos E.E.U.U., projeta enviar 20 mil soldados brasileiros contra o heroico povo coreano em luta por sua unidade e independencia e pretende a aprovação de leis de

exação, a decretação do Estado de Emergência e a criação de campos de concentração. Ao mesmo tempo, desencadeiam os propagandistas de guerra ataques furiosos e organizados contra a Revista do C. Militar e sua Diretoria, visando sufocar as aspirações patrióticas e pacifistas de nossa oficialidade democrática.

Ampliando esse quadro de inquietação e ameaças, envia o Poder Executivo ao Congresso Nacional projeto de uma nova Lei do Serviço Militar, que permite a convocação dos brasileiros entre as idades de 16 e 45 anos e que praticamente transforma cada cidadão num soldado e nosso país num enorme acampamento militar.

Brasileiros! Sejam quais forem as vossas convicções, os vossos partidos, o vosso sexo ou idade, devemos todos nos unir para impedir a guerra.

Patriotas e deocratas! Nós vos concitamos e às vossas organizações a realizarem conosco, do dia 1.º ao dia 16 de Janeiro, uma QUINZENA nacional de intenso protesto contra as medidas guerreiras do governo. Apelamos para que o povo participe com entusiasmo e decisão nas manifestações públicas a serem efetuadas, em todo o país, no dia 16 de Janeiro de 1951.

Que todos os brasileiros demonstrem, por todas as formas, com audácia e energia, seu repúdio à guerra e seu amor à Liberdade e à Paz.

Rio de Janeiro, 13 de Dezembro de 1950. (As.) — Branca Fialho — Odilon Baptista — Mario Fabião — Abel Chermont Valério Konder — Roberto Moreira — Francisco Traino de Viveira — Agostinho de Carvalho — Antenor Marques — Antonio Luciano Barcelar Couto — Capitão J.L. Pessoa de Andrade — Milton Eloy Vaz — Milton Lobato — F.L. Lobo Carneiro — Eudoro Prado Lopes — Henrique Miranda — Nilo S. Werneck — Aristides Saldanha — Alcedo Coutinho — Sivalva Palmeira — Alvaro Moreyra — Astrojildo Pereira — Dalcídio Jurandir — Graciliano Ramos — Francisco Sá Pires — Ruy Barbosa Cardoso — Pedro Pomar — Augusto Freire Belem — Pedro Maia Filho — J. Amado — Mario Schemberg — José Saldanha — Francisco Costa Neto — Antonieta Dias de Moraes — Artur Neves — Fernando Santana — Washington Loleiro — Arnaldo Estrela — Mariucia Iacovino — Pedro Motta Lima — Omar Catunda.

GREVE PARA CONQUISTAR O ABONO

AO POVO QUE PEDE PÃO, A DITADURA RESPONDE COM O TERROR POLICIAL

QUE O DINHEIRO QUE SE PRETENDE EMPREGAR NA PREPARAÇÃO DO MASSACRE DE NOSSA JUVENTUDE VENHA PARA AS MÃOS DO POVO SOB A FORMA DE ABONO E AUMENTO DE SALÁRIOS E ORDENADOS.

Prossegue a luta pelo recebimento de um mês de salário como Abono de Natal. E, ante as massas que lutam por um pouco de pão, a ditadura de Dutra e as classes exploradoras dominantes dão, mais uma vez, clara demonstração de sua brutalidade sangüinária e do caráter de traição nacional da política que praticam.

De fato, amplas massas de assalariados, nas fábricas e nas fazendas, e o funcionalismo civil e militar exigem uma reivindicação das mais simples e justas: uma bonificação de fim de ano, que minore o tremendo desequilíbrio em que vivem seus orçamentos domésticos. Uma bonificação que é um direito dos que trabalham e produzem enormes lucros para os capitalistas, enquanto vivem com salários e ordenados de fome.

AOS QUE LUTAM PELO ABONO A DITADURA RESPONDE COM O TERROR

É que vemos, diante dessa simples e justa reivindicação de milhares e milhares de trabalhadores e funcionários?

É a repressão selvagem contra as massas, de parte da ditadura e dos patrões.

Nesta Capital, a polícia de Dutra dissolve à bala uma concentração de mais de mil servidores públicos diante da Câmara dos Deputados. E, às

vésperas do Natal, as masmorras da Polícia Central enchem-se com mais de uma centena de líderes operários, ali torturados e seviciados, porque dirigiam em suas respectivas empresas a luta pela conquista do Abono.

As tropelias policiais contra os trabalhadores e o funcionalismo em luta pelo abono sucedem-se de norte a sul: as manifestações de massas são assaltadas pela polícia como aconteceu também em São Paulo durante uma concentração de operários municipais e as greves são reprimidas com armas de guerra. Ao povo que pede pão, exigindo a concessão do Abono, Dutra e os patrões respondem com as balas e o chafalho de sua polícia de assassinos.

É A GUERRA QUE NOS BATE AS PORTAS

Por que? Por que os donos feudais-burgueses consideram «crime» a luta das massas contra a fome, por um pouco de pão? Por que é motivo de torpes perseguições policiais a luta por uma reivindicação tão simples como o é o abono de Natal?

Por que estamos diante de uma política de guerra e traição nacional que significa o esfomeamento crescente e o terror fascista contra as gran-

des massas e, especialmente, contra as massas trabalhadoras. Para realizar fabulosas despesas de guerra, para preparar o sacrificio de milhares de jovens brasileiros em beneficio dos interesses dos gangsters ianques, Dutra e os politiquinhos das classes dominantes negam o abono ao funcionalismo, porque o dinheiro para o abono está sendo gasto na compra de velhos navios de guerra e no fornecimento de gêneros alimentícios aos barbaros agressores dos povos coreano e chinês. Para custear uma parte das despesas de guerra da ditadura, os capitalistas aumentam a exploração dos trabalhadores e resistem violentamente à concessão do abono, pois querem manter cada vez mais elevados os seus lucros, apesar dos impostos mais elevados que se propõem pagar para a preparação do país para a guerra de Wall Street.

Assim, como diz Prestes no histórico Manifesto de Agosto, já não é apenas a fome do povo que se agrava sob a ditadura de traição nacional. É o sangue do povo que corre nas ruas de nossas cidades, demonstrando as sinistras intenções dessa camarilha de burgueses e latifundiários que pretendem aniquilar nossa juventude na mais infame de todas as guerras.

MAS OS TRABALHADORES LUTAM

Mas, por isso mesmo, nosso povo, que é um povo corajoso, e, especialmente as massas trabalhadoras, luta. Luta contra a fome e contra a guerra, luta por pão e liberdade.

Na própria campanha do abono, na qual as lutas não atingiram ainda à altura e amplitude a que podem e devem

(Conclui na pag. Central)

Protestemos contra os atentados à liberdade de imprensa

Na sua marcha para a guerra e o fascismo, a ditadura de Dutra, servindo aos americanos, comete atentados consecutivos contra a liberdade. Nestes dias, tem sido a imprensa o alvo predileto da repressão. Assim e que, desde o dia 21 de dezembro as oficinas da «Tribuna Popular Editora S. A.», onde se imprimem este orgão, a «Imprensa Popular» e outros jornais, se encontram sob pesada cerco policial. Esses jornais estão impedidos de circular. Ali não entra ou sai pessoa alguma que não seja revistada. Já houve prisões de empregados das oficinas que protestam contra as arbitrariedades policiais e o jornalista Olimpio Marques dos Santos, por esse motivo, foi agredido e alvejado por arma de fogo, sendo preso em seguida.

Diversas gestões têm sido feitas pela Associação Brasileira de Imprensa, pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais, pela bancada de imprensa da Câmara, por comissões de jornalistas, junto a autoridades, inclusive o Ministro da Justiça, sem que delas tenha obtido esclarecimentos sequer sobre o caráter dessa medida ilegal e arbitrária. Pela ABL e pelas direções do matutino «Imprensa Popular» e da «Voz Operária» foram impetrados habeas-corpus e mandados de segurança, no sentido de sustar esta odiosa medida policial. Protestos estão sendo feitos no seio da corporação dos jornalistas. O Conselho Administrativo da ABL, em sua reunião mensal, tomou conhecimento da arbitrariedade, contra ela protestando. Está sendo convocado a fim de estudar medidas práticas em defesa da liberdade de imprensa violada o Comitê de Defesa da Liberdade de Imprensa, criado no II Congresso Nacional dos Jornalistas.

Esses criminosos atentados contra o direito de palavra escrita sucedem acintosamente, no momento mesmo em que o ditador Dutra, em mensagem ao Congresso a propósito da inserção do papel de imprensa, afirmava que o seu governo tem sido exemplar no respeito às prerrogativas da imprensa. O ditador tripudia sobre a opinião pública. Fere novamente, e de uma só vez, a Constituição e as leis do trabalho, proibindo a circulação de jornais que combatem consequentemente a orientação anti-nacional do seu governo e impedindo de exercer sua profissão e prover a subsistência dos lares pessoas que têm

Conclui na 10.ª pag.ª